



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYS MALDONADO
CAMPUS DE BARRA DO BUGRES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM CONTEXTO
INDÍGENA INTERCULTURAL – PPGECH**



**O ENSINO DA LÍNGUA MONJOROKO ATRAVÉS DOS CÂNTICOS:
uma possível metodologia para o fortalecimento linguístico e cultural**

JONES DE ADENILSON MANHUARI CRIXI

**BARRA DO BUGRES - MT
2022**

JONES DE ADENILSON MANHUARI CRIXI

**O ENSINO DA LÍNGUA MONJOROKO ATRAVÉS DOS CÂNTICOS:
uma possível metodologia para o fortalecimento linguístico e cultural**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de pós-graduação em Ensino em contexto indígena intercultural, PPGECH, da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Orientadora: Profa. Dra. Luzia A. Oliva
Coorientadora: Profa. Dra. Waldineia
Antunes de Alcantara Ferreira**

**BARRA DO BUGRES - MT
2022**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

MUNDURUKU, Jones de Adenilson Manhuari.
M965o O Ensino da Língua Monjoroko Através dos Cânticos: Uma Possível Metodologia para o Fortalecimento Linguístico e Cultural / Jones de Adenilson Manhuari Munduruku - Barra do Bugres, 2022.
44 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
Orientador: Luzia Aparecida Oliva
Coorientador: Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

1. Língua Originária. 2. Cantos. 3. Povo Munduruku. I. Jones de Adenilson Manhuari Munduruku. II. O Ensino da Língua Monjoroko Através dos Cânticos:: Uma Possível Metodologia para o Fortalecimento Linguístico e Cultural.
CDU 81'2

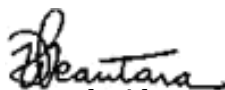
JONES DE ADENILSON MANHUARI CRIXI

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de pós-graduação em Ensino em contexto indígena intercultural, PPGECH, da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luzia Aparecida Oliva – Orientadora



Profa. Dra. Waldineia Antunes de Alcantara Ferreira - Coorientadora



Profa. Dra. Suseile Andrade Sousa – avaliador externo



Prof. Dr. Alceu Zoia - Avaliador interno

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família que sempre me apoiou nas minhas atividades, na alegria ou na tristeza, pois sempre foram parceiros.

Dedico em memória da minha mãe, Maria Madalena Manhuari e ao meu pai Cacique Joaquim Krixí.

Dedico aos coordenadores, funcionários e em especial aos estudantes e Professores da Escola Estadual de Educação Básica Krixí Barompô que, juntos, colaboraram para que eu pudesse concluir este trabalho de pesquisa do mestrado.

Dedico ao meu Povo Munduruku!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao nosso criador Karosakabu, em primeiro lugar; segundo, minha comunidade Wuyjugũ, conhecida por Munduruku.

À minha família pelo apoio e confiança que tem me dado durante o curso e por sempre me incentivar a estudar.

Agradeço a cada um dos meus filhos, eles são muito importantes na minha vida.

Agradeço à Universidade do Estado de Mato Grosso e ao primeiro mestrado específico Indígena pela oportunidade de cursá-lo. A seu corpo docente e aos técnicos.

Agradeço às autoridades, aquelas que apoiaram o mestrado indígena.

Agradeço ao Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola que ajudou com a publicação do livro, em especial à Professora Ronélia do Nascimento, ao Professor Alceu Zoia e Professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

Agradeço a minha orientadora Professora Luzia Aparecida Oliva pelas orientações para a escrita dos resultados desta pesquisa.

Xipat!

A língua materna por sua vez é um grande pilar para os povos indígenas. Diante disso, para os professores e os alunos indígenas é um desafio importante, o bilinguismo é um paradigma de muita relevância para o saber e o aprender destes alunos bem como obter ótimos resultados seus aprendizados. (Jacira Muou)

RESUMO WUYA'Ō MONJOROKO

Ibõe em adem igũ omuyku burũ a'õn maku.ite wuya'õ kudap ap wuye taybit ap Munduruku aõ ycem at kake. Ymuba cata m bibodo buxem wuya õ ocetabut cap, ymem buxim yemutaybit im ibo'ap eiaõ muba cara m ibararağ i men icom'at. Ibo soat wuyjuyũ ekawên kuyan. Ocejũ dak Munduruku, yõ ocejũ, ocesuywat ibo dak ocesuiwat adesakarere imu taybitbin waremtağ wuyjuyũ kaũm bue. oiũm iboap. Awerom agũ itab~em agũ burũmaku. Oje cu pam guito ka'ũmaiboce imuva ũm'ũm iboap icemibo ipidace. Mumũma dak yboap mugêgêap tak kabaũm pima a'ama kuka e pegũcun darem kawwom tak imuğm iat puxip. Wuya'õ ka'ũm gũ ibaarem atimugêgêm iboap ibutei papuk yte dak kuka yjoma at ma jedauap. Ogũwaruruğ iboap tak wuyma dakyp kuyje om iwaruma wuyjuyũ yjop eipibe osodop kuyje agũ pariwayu kuyjeagũ jebabim ybaca itaben ijop eipi beagũ cakay ocadopap yeam ojeba bokbuk buwat cap jewaokakam ybo imun ap inoap ytop wuyjuyũyũ. Pam ocêjo wuyjuyũyũm yboap. Jewao jewaokakap yboap ocejudak ocebaca ikerêat imugêap i'jebit agũ bue. Epesot acewurũn kuato wuaokam kabe iboap ajomon ito wuyjuyũyũ pam ocejũ wuyjuyũyũm. Ocejodak iboap ocewebe'am ocebacaam muğ'ap jewaijojoap. Yjop eipiwatwat kay suwat kuato jemutorotorocat wuyeta bem íat wuyjuyũyũ ijom ei pí watwat ocejo ocegũn bak iboap mujurũ'ap ixegũ ocenâbu wuyxeat tabon ocêtobat iboap wuydawbírem ibon icetaibin ocetobat iboap wydawbírem ibon ocetaybin iboap. Ocetaybit ígũ ibo'ap ixixi ocejat ocaõnũm ocaõ'at ocekobibewi ibo'at ocekeybin iboap ocemukaypin imubacat'am iaõ tomudipdip ap kuwap: at buxim wuya; gũ bibodo; õ kay Munduruku.

Palavras chave: Wuya'õ kuyje'at; Pibodo kuyje'at; Munduruku gũ.

RESUMO LINGUA PORTUGUESA

Esta pesquisa é sobre o ensino da Língua Monjoroko, tendo enfoque no resgate de cânticos tradicionais do povo Munduruku. Acreditamos que seja uma possibilidade de ensino e aprendizagem para o fortalecimento da língua originária escrita e oral. A marca que a história nos deixou do extermínio e as diversas violências praticadas contra os indígenas, gerou, entre os grupos sobreviventes, estratégias, organizadas ou não, de permanência e perpetuação. Essas seriam operacionalizadas por meio do silenciamento, da negociação, da fuga ou da rebelião, a depender do momento histórico e do contexto em questão. A cultura e as adaptações resultantes das relações interétnicas ocorridas causaram mudanças ao longo dos séculos entre os diferentes povos indígenas sobreviventes nessas áreas de colonização antiga tradições políticas de resistência indígena que são rememoradas, atualizadas, ressignificadas e operacionalizadas a cada ameaça que se coloca para essas populações. Nós, indígenas, precisamos lutar para nos fortalecermos, pois a política brasileira vem a cada ano ameaçando a vida. Buscamos, neste movimento, preservarmos nossas raízes ancestrais e a busca incansável para aprendermos aquilo que não aprendemos e rememorar aquilo que está adormecido em nossa memória da Língua Originária, como os cantos Munduruku.

Palavras- Chave: Língua Originária; Cantos; Povo Munduruku.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Livro.....	34
Figura 02 - Cântico das Mulheres	35
Figura 03 – Cântico de Karusakaybu.....	36
Figura 04 – Reunião para a filmagem.....	37
Figura 05 – Grupo de filmagem.....	38
Figura 06 – Cântico de receber visita.....	39
Figura 07 – Cântico da mandioca.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO MUNDURUKU DA ALDEIA NOVA MUNDURUKU	16
2.1 O movimento dos Munduruku do Pará para o Estado de Mato Grosso.....	16
2.2 A criação da aldeia do povo Munduruku na Terra Indígena Apiaká/Kayabi.....	18
2.3 Contexto histórico da educação escolar e da saúde indígena na aldeia Nova Munduruku.....	19
3 A IMPORTÂNCIA DOS CANTOS MUNDURUKU	26
3.1 O canto como cultura de vários povos.....	26
3.2 Os cantos para os Munduruku da aldeia Nova Munduruku.....	27
4 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO CÂNTICOS MUNDURUKU: SABERES CULTURAIS E LINGUAGEM – ALDEIA NOVA MUNDURUKU – RIO DOS PEIXES E DO VÍDEO CULTURA E CANTOS MUNDURUKU.....	31
4.1 Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola.....	31
4.2 A produção do livro: Movimentos pedagógicos na Aldeia Nova Munduruku.....	32
4.3 Produção do Vídeo Cultura e Cantos Munduruku.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43

1 Introdução

O povo Munduruku tem como língua o Monjoroko, do tronco tupi, e, historicamente, habitava a região do baixo, médio e alto Tapajós, região conhecida por Mundurucânia, que vai do Estado do Pará ao Amazonas. Faz parte do histórico de nosso povo, após o contato com os não indígenas seringueiros e missões religiosas, algumas mudanças nos costumes e na Língua Materna. A imposição da Língua Portuguesa, como a língua facilitadora para a comunicação com a sociedade não indígena resultou no enfraquecimento da Língua Materna.

Os Munduruku que moram no Pará e Amazonas, por estarem em grandes grupos, mantêm costumes e Língua Materna com mais propriedade, enquanto o grupo que vive na Terra Indígena Apiaká/Kayabi necessita de um trabalho consistente e contínuo para a retomada e fortalecimento linguístico originário.

Vejo-me como pertencente ao povo Munduruku, fui criado falando somente a língua Monjoroko e só depois que cheguei ao Mato Grosso aprendi com muita dificuldade a Língua Portuguesa. Hoje, posso dizer que falo e escrevo duas línguas, a nossa Língua de Origem e a Portuguesa. Fico triste e preocupado ao ver crianças e jovens que não falam diariamente a nossa língua, reflito como a identidade não é uma condição acabada, mas uma ação em construção, sou pertencente ao povo, sou falante da nossa Língua de Origem, sou pai e professor, sinto a responsabilidade de despertar o interesse em jovens e crianças para dominarem o Monjoroko que é a nossa língua verdadeira.

Por esse motivo, propus fazer uma pesquisa com os cânticos tradicionais para o aprendizado da Língua Originária, para fortalecer a escrita e a oralidade por meio de atividades pedagógicas na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Krixí Barompô localizada na aldeia Nova Munduruku, no município de Juara – MT.

O povo Munduruku, que mora na aldeia Nova Munduruku na Terra Indígena Apiaká/Kayabi, tem sentido necessidade de dominar a oralidade e a escrita da nossa Língua Originária devido muitos jovens e crianças não serem falantes assíduos, apenas compreendem o que os mais velhos falam, mas os mais novos não conseguem falar. Talvez o fenômeno aconteça porque a família tem pouco incentivado seus filhos a falarem a Língua Monjoroko. Em minha casa usamos a comunicação oral com os filhos em Monjoroko, todos entendem, mas têm vergonha de falar e errar a pronúncia. Como pai, é um trabalho diário na orientação de falarem nossa língua, tenho muita esperança que

jovens e crianças aprendam falar e escrever, mas a escrita torna-se ainda mais complexa e a escola é que se encarrega de trabalhar, é necessário que todos os professores trabalhem a Língua Monjoroko em suas aulas.

Se a prática escolar enfatizar a Língua de Origem, teremos a possibilidade de fortalecimento. Temos percebido que o fato de estarmos em contato frequente com a população não indígena e com parentes Kayabi e Apiaká nos leva a usar a Língua Portuguesa. Por mais que as duas etnias sejam do mesmo tronco linguístico, nossas línguas são diferentes, por isso nos comunicamos em Português. Com os não indígenas também é em Português porque eles não vão entender nossa língua.

Entre várias consequências do contato com outros povos está a situação de usarmos duas línguas para facilitar a comunicação, estamos entendendo a coexistência de duas línguas que são utilizadas de forma alternativa pelos falantes, conforme as exigências das situações em que se encontram.

No caso da aldeia Nova Munduruku, a Língua Portuguesa, como sabemos, oficial do país, é utilizada por quase todos, menos uma anciã que não fala e não entende. Jovens e crianças sentem dificuldade de escrever o que se fala na Língua Originária, algumas palavras soltas conseguem, mas formar um texto ou frase ainda têm muita dificuldade.

Queremos fortalecer a nossa Língua Originária, e, para isso, convidamos duas famílias Munduruku, que moravam no Pará, para virem morar em nossa aldeia com a proposta de fortalecimento linguístico e cultural, porque a língua é uma das marcas da nossa identidade e não podemos deixar de praticar o que é nosso, muito menos ter vergonha de falar a própria língua.

Como professor da Língua Originária e bolsista do projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, preocupo-me com a dificuldade da fala e da escrita dos nossos jovens e crianças. Os cânticos foram uma das metodologias usadas para o fortalecimento da língua, pois dão a possibilidade de trabalhar a escrita e a fala, sem deixar o momento do canto nas aulas, não apenas trabalhar a letra, mas cantar também, para que possam interpretar que cada cântico tem uma função, um significado, para saberem seu histórico.

O cântico para nosso povo não é um simples entretenimento, tudo tem significado, contam histórias ancestrais. Esses apontamentos feitos me levam a outros questionamentos: por qual motivo os pais não incentivam seus filhos a falarem a língua Monjoroko nos últimos anos na aldeia? Os jovens e crianças compreendem a importância da sua Língua Materna? Os cânticos poderão dar suporte para o aprendizado e fortalecimento da Língua Materna?

Nesta pesquisa, busquei reflexões da dimensão pedagógica dos cantos, trabalhando em sala de aula como conteúdo rico de sabedoria tradicional com os estudantes, oportunizando o conhecimento na escrita e na oralidade. Dessa maneira, estou contribuindo para o fortalecimento da Língua Monjoroko em nossa comunidade, tendo a escola como lugar intermediador do aprendizado. Nas aulas, trouxe a comunidade para a sala, tive a participação das pessoas, valorizei os anciãos e os adultos no processo da pesquisa para termos maior resistência e fortalecimento linguístico.

Essa busca, registro e utilização dos cânticos é um movimento politicamente favorável à nossa cultura, pois acreditamos na construção da identidade étnica das novas gerações, compreendemos que a Língua Originária faz parte do nosso patrimônio cultural imaterial e temos que vivenciá-la no dia a dia.

A pesquisa tem, então, como objetivo geral fortalecer a Língua Materna Munduruku, por meio de atividades com cânticos tradicionais. O trabalho envolverá a comunidade da aldeia Nova Munduruku, no município de Juara – MT. Para atingir o objetivo geral, traçamos alguns objetivos específicos, que pretendem fazer um levantamento de cânticos utilizados pelo povo da aldeia; trabalhar com os estudantes e a comunidade a leitura das letras dos cânticos e seus significados; desenvolver momentos para que sejam cantados em sala de aula para que despertem o interesse pela leitura e escrita da Língua Monjoroko utilizada; envolver a comunidade nas aulas de Língua Monjoroko para incentivar os jovens a valorizar a Língua Originária e os cânticos.

A pesquisa aconteceu no período da pandemia do Covid 19 (2020-2022) com todos os cuidados. Tem caráter qualitativo, com abordagem etnográfica, foi apresentada por meio do projeto de pesquisa à comunidade para que pudesse obter a autorização e conhecimento de todos, o que consta em ata com assinaturas da aceitação.

Foi desenvolvida na sala de aula e na comunidade, envolvendo a Língua Materna através dos cânticos. Os professores e os estudantes da escola ajudaram na produção do material e também participaram do Projeto Saberes Indígenas. Fizemos reuniões para elaborar o material didático e, também, foram feitas imagens com alguns cânticos Munduruku com a ajuda da comunidade e apoio do curso Práticas Pedagógicas Interculturais.

Parto do pressuposto teórico indicado por Caiafa (2007, p. 174) de que “na etnografia produz-se antes de tudo uma atitude, uma forma de colocar-se na pesquisa e na relação com o outro”. À medida que busco aproximações entre a ‘etnografia’ e a educação, procuro compreendê-la para além das suas ‘determinações disciplinares’ na

antropologia. Quero dizer com isso que proponho um diálogo interdisciplinar à maneira como outros autores, como Rocha e Tosta (2009) apontam.

O texto apresentado a seguir inicia com o contexto histórico do povo Munduruku, da vinda do Pará para Mato Grosso e a atualidade na Aldeia Nova Munduruku – Juara - MT. Passa, na parte seguinte, a mostrar a importância dos cantos na cultura Munduruku e, finalmente, apresenta o percurso de pesquisa e elaboração do produto final que será destinado às escolas indígenas.

2 Contexto histórico do povo Munduruku da aldeia Nova Munduruku

Neste capítulo, irei apresentar a história do povo Munduruku na aldeia Nova Munduruku, explicando o movimento da vinda do Estado do Pará para o Estado de Mato Grosso, a criação da aldeia Nova Munduruku e o contexto histórico da saúde e da educação escolar.

2.1 O movimento dos Munduruku do Pará para o Estado de Mato Grosso

Nós somos descendentes dos Munduruku que dominavam a região do Vale do Rio Madeira, baixo, médio e alto Rio Tapajós, uma região conhecida como Mundurukânia. Esse povo pertence à família do tronco linguístico tupi com autodenominação Wuyjugũ que significa gente. O nome Munduruku surgiu desde os primeiros contatos com os povos não indígenas no século XVIII, dado pelo povo Indígena Parintintins. Esse povo era rival e habitava a região da margem direita do Rio Tapajós e Rio Madeira. Essa denominação significa formiga vermelha porque os guerreiros Munduruku atacavam os territórios rivais.

A respeito do que expus acima, Nascimento (2015, p.27) explica que existiam as guerras entre os povos indígenas e com os não indígenas, isso estabeleceu a tradição guerreira entre nosso povo Munduruku, fomos chamados de cortadores de cabeça pelo povo Parintintins, relacionando à formiga caçuba. Já fomos chamados de Cara Preta, pari, por usar pinturas feitas de jenipapo no rosto; fomos chamados, também, de Weydeyene, Paiquize, que também quer dizer cortadores de cabeça.

Os Munduruku que estão morando na Terra Indígena Apiaká/Kayabi, no município de Juara, Estado de Mato Grosso, são famílias que vieram da Terra Indígena Munduruku, do município de Jacareacanga, no Estado do Pará. Nascimento (2015, p.30), diz que no período entre 1960 e 1970, a intenção do governo era o desenvolvimento e integração da Amazônia, pois a população indígena estava sendo ameaçada por trabalho escravo, contaminação por doenças, diminuindo o número de pessoas e foi preciso buscar formas de resistência, fazer alianças com povos que no passado eram rivais, e, nessas alianças, deram-se os casamentos interétnicos. A migração ocorreu devido ao casamento entre uma família do povo Apiaká com o Povo Munduruku, que é o Sr. Solano Krixi e dona Marilândia Morimã Apiaká, no ano de 1964.

Naquela mesma época, o povo Kayabi e Apiaká estava na reivindicação de processo de demarcação da Terra Indígena no Rio dos Peixes. O povo Apiaká, por ser em menor número, precisava de um número maior para ter a demarcação da Terra Indígena. Foi dessa vez que o Sr. Solano Kixi foi até a Terra Indígena Munduruku, no Pará, para buscar o seu filho Joaquim Cixi para aumentar as famílias na aldeia dos Apiaká. A vinda do Sr. Joaquim Cixi ocorreu em 17 de agosto de 1982.

O Sr. Solano Kixi, Raimundo Kixi e Alberto Morimã Apiaká fizeram uma visita para a nossa família na aldeia Waredi. Foi através dessa visita que veio a primeira família Munduruku para a Terra Indígena Apiaká/Kayabi no Rio dos Peixes, no Município de Juara-MT. Essa família migrou pelo Rio Juruena desde a região do alto Rio Tapajós, no Estado do Pará, município de Jacareacanga, em 1982.

Quando essa família chegou à Terra Indígena Apiaká/Kayabi, foi para a aldeia Nova Esperança onde moravam os Apiaká. O povo Apiaká estava em processo de abertura de uma nova aldeia chamada Mayrob, que antes chamavam de Poção. Tempos depois, a aldeia foi registrada com o nome Mayrob, que significa, na língua Apiaká, Papagaio.

A família Munduruku passou a morar na aldeia Mayrob onde estava morando o Sr. Solano Kixi, pai de Joaquim Cixi, meu pai. A aldeia Mayrob começou com uma família Apiaká, em seguida vieram mais cinco famílias Apiaká e duas famílias Munduruku. Os Munduruku tinham uma convivência amistosa com os Apiaká.

No ano de 1984, Joaquim Cixi retornou com sua família para o Pará com objetivo de buscar mais pessoas Munduruku e, no ano de 1985, conseguiu trazer mais famílias que ficaram morando na aldeia Mayrob. As famílias Munduruku que aqui chegaram foram Cixi, Burum, do clã branco e Manhuari, do clã vermelho. Essas famílias passaram um ano morando na aldeia Mayrob do povo Apiaká. No mês de agosto de 1986, Celestino Kixi voltou para sua terra de origem no alto Rio Tapajós, no Estado do Pará.

No mesmo ano, veio outra família do clã branco Burum e outra do clã vermelho Manhuari que passaram a morar na aldeia Mayrob. No ano de 1987, resolveram buscar mais famílias Munduruku, dessa vez vieram mais três famílias do clã vermelho, que são a Manhuari, Kerepu e do clã branco Burum. Todas essas famílias foram morar na aldeia Mayrob.

Cada família Munduruku veio de uma região diferente dos territórios Munduruku. A família de Joaquim Cixi veio da aldeia Waredi, no Rio Waridi e Rio Cururu; a família do clã branco Burum veio da aldeia Waroapompo, no Rio Cururu e as do clã vermelho

Manhuari e Kerepu vieram da aldeia Primavera e Aldeia Conceição; Saú veio da aldeia Primavera e Waro veio da aldeia Waroapompo no Rio Cururu.

Com a chegada dessas famílias, aumentou o número de pessoas na aldeia dos Apiaká. Nos primeiros anos, houve uma boa organização nas atividades comunitárias e, a partir de um ano, começaram a ter divergências de cultura entre os dois povos.

Foi nessa época que os Munduruku começaram a pensar em voltar para o Pará, todas as famílias ficaram descontentes com o que estava acontecendo nas relações internas na aldeia Mayrob. Joaquim Crixí foi até a aldeia Tatui, conversou com o cacique Francisco Jurukatu, com as lideranças Gilberto Kutap, Simão Sirajup e José Tafura Kayabi e falou que as famílias Munduruku estavam voltando para o Pará de canoa. Essas pessoas Kayabi falaram que não compensava ir embora, sugeriram que fizesse uma aldeia só de Munduruku, poderiam escolher um local da Terra Indígena. Joaquim Crixí levou essa sugestão para as outras famílias que concordaram em escolher um local para fazer uma aldeia sobre a qual falaremos no próximo tópico.

2.2 A criação da aldeia do povo Munduruku na Terra Indígena Apiaká Kayabi

Para a criação da aldeia própria do povo Munduruku foi preciso escolher o local. Foram Joaquim Crixí, Araci Tariguarina, Jorge Burum, Sebastião Kerepu, Raimundo Manhuari, Ricardo Burum e Osmarino Saú. O local escolhido foi na divisa da Terra Indígena com a antiga fazenda AGROTEP, atualmente fazenda Mandasaia. Escolheram o local por estar próxima do limite da Terra Indígena com a fazenda e ficar mais próximo da estrada na aldeia Tatui para poder ir à cidade.

As famílias saíram da aldeia Mayrob, fizeram barracos de lona próximos da aldeia Tatuí, do povo Kayabi, enquanto faziam roçada e as casas no local da nova aldeia, em 24 de junho de 1988, um trabalho de dois meses. As casas ficaram prontas no final de agosto, foram feitas de barro e pau a pique. Nascimento (2015, p. 38) descreve que, para a construção das nossas casas, usamos a prática de formar mutirão, para adiantar a construção das casas e ter um lugar somente nosso.

Dessa vez, a Fundação Nacional do Índio providenciou o registro da aldeia e o nome oficial escolhido pela comunidade foi Aldeia Nova Munduruku. Com esse registro na FUNAI, veio o funcionamento da escola e atendimento à saúde, tendo um técnico de enfermagem à disposição. Na escolha do nome, foi mencionado ser Aldeia Tatu por causa

do Córrego do Tatu que corta a aldeia e também se pensou no nome Aldeia Taquaral, pois havia muito taquaral por perto.

Era preciso escolher um cacique e meu pai Joaquim Crixí foi escolhido. Desde 1988, praticamente não houve mudanças de Cacique. Ele sempre foi o responsável pela política da aldeia e esteve junto de todas as demandas necessárias para o povo.

2.3 Contexto histórico da educação escolar e da saúde indígena na aldeia Nova Munduruku

Com a oficialização da aldeia, era preciso que se organizasse uma escola própria do povo Munduruku, assim também como a organização por parte da saúde. Então, no início, foi Raimundo Manhuari que se dispôs a dar aulas como voluntário até organizar a documentação da escola, ficou em sala de aula durante poucas semanas e depois entregou a função para Joaquim Crixí porque estava participando de cursos de capacitação e no Pará havia dado aula.

Raimundo Manhuari assumiu a área da saúde por se identificar mais, ficou trabalhando como voluntário como se fosse um técnico de enfermagem. O atendimento à saúde acontecia na casa de Raimundo Manhuari, as aulas eram na casa de Joaquim Crixí, com início às sete horas da manhã até às dez horas. Tinha merenda escolar que vinha da FUNAI, eram muitos alimentos enlatados, chocolate, bolacha, almôndega e sardinha. Quando acabava a merenda, íamos comer em casa, nesse tempo não existia a política de alimentação escolar indígena como atualmente pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, que no mínimo 30% dos produtos consumidos na merenda escolar deve ser da agricultura familiar para que tenha alimentos tradicionais de cada povo.

Essa questão da merenda escolar está na Lei 11.947, de 16 de junho de 2009, que contribui com o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e com a melhoria do rendimento escolar, de acordo com a faixa etária e seu estado de saúde, priorizando as comunidades tradicionais indígenas e de remanescentes de quilombos. Os autores Bellinger e Andrade (2016) falam que, para a legislação ser cumprida, começaram a discutir e criar soluções para o problema de não ter ou ser insuficiente a merenda escolar, ou ainda não ser adequada à cultural local.

Percebo entre nosso povo, quanto tem sido prejudicial à saúde o consumo de alimentos industrializados, inseridos na merenda escolar há muito tempo, cesta básica, nas compras feitas na cidade. A mudança de hábitos gerou muitas doenças, como diabetes, hipertensão, cálculos biliares e renais, obesidade e anemia, sendo que

poderíamos ter a possibilidade de 100% da alimentação escolar vir da agricultura familiar devido ao consumo do milho, batatas, amendoim, abacaxi, abacate, cará entre outros alimentos derivados da roça, como também o peixe, carne das caças do mato, suco de frutas silvestres.

Voltando ao passado, a escola naquele tempo não tinha merendeira, quem fazia a merenda como voluntária era Nilza Crixí. Os materiais didáticos vinham da Secretaria de Educação de Diamantino e Joaquim Crixí trabalhava um pouco da língua materna, mesmo não tendo material escrito.

A educação e a saúde pertenciam à FUNAI, mas houve um movimento para a retirada da saúde, iniciando a FUNASA e a educação passou a pertencer ao município de Diamantino. O professor começou a participar de cursos de capacitação. A comunidade se reuniu e construiu de pau a pique o posto de saúde e o barracão para ser a escola.

Por estarem só entre pessoas do próprio povo, a convivência ficou mais fácil e a população foi aumentando com nascimento de crianças. Em nossa aldeia, somente cinco pessoas não falavam mais a língua Monjoroko porque no Pará viviam em contato com os não indígenas.

Essa situação de abandonar sua Língua de Origem e o contato com seu povo tem resultado o apagamento cultural e linguístico. Concordo com Tapí Yawalapiti (2001), segundo o qual a língua nativa tem perdido terreno em seu povo. Na nossa aldeia, a realidade é a mesma, os encontros entre falantes fluentes não ocorrem como antigamente, no caso da minha família enquanto pai e mãe falamos na língua Monjoroko, nossos filhos entendem o que estamos falando, mas nos respondem em Português, por mais que iniciemos a educação com a nossa Língua Originária. Minha sogra não entende a Língua Portuguesa, meus filhos entendem o que ela fala, conseguem se comunicar. Minha preocupação é a mesma do parente Yawalapiti, tenho a esperança de que a língua Monjoroko não seja esquecida.

Como foi apontado anteriormente, as famílias que viviam entre os não indígenas no Pará e o nosso povo usavam a Língua Portuguesa, talvez se nessa ocasião tivéssemos feito o contrário, eles voltariam a falar a nossa Língua Originária. Mesmo que precisássemos da Língua Portuguesa para facilitar a comunicação com os outros povos indígenas e com os não indígenas, a Língua Originária poderia ter sido mantida.

Naquele tempo, tudo era mais difícil, o acesso à cidade, veículos na aldeia, estrada, a comunicação com a FUNAI e FUNASA, precisava ir de canoa ou a pé dez quilômetros até a Aldeia Tatui para falar no rádio amador. Foi nessa ocasião que a comunidade reivindicou um rádio amador e a FUNAI providenciou. Muitos recados também eram

passados pelo rádio portátil, pela rádio Tucunaré, de Juara. O rádio amador era usado em caso de muita emergência, usado também para entrar em contato com os parentes Munduruku, no Pará. Quando alguém ficava doente, tinha que levar de canoa ou a pé carregando o doente em uma rede até a aldeia Tatui para levar de carro para Juara.

Em 1992, a escola passou a pertencer ao município de Juara. Nessa ocasião, o Estado de Mato Grosso estava fazendo mobilização para cursos de formação para professores indígenas. Em 1995, iniciou o projeto Tucum¹, em nossa comunidade fomos escolhidos eu e Marino Burum. Nessa mesma ocasião, Joaquim Crixí deixou a sala de aula e passou para que eu assumisse.

Estando em contato com o curso para professores indígenas, que dava respaldo para trabalhar a nossa realidade e a Língua Monjoroko, percebi que os materiais enviados para a escola não correspondiam com a nossa realidade e não existia um material na Língua Originária. Eu era falante da Língua Monjoroko, mas não sabia escrever todas as palavras e ler, tendo também o impedimento de falta de materiais próprios.

A sala de aula continuava sendo no barracão coberto de tabuinha, quando chovia não tinha como ficar na sala de aula porque molhava tudo. A merenda era vinda da Secretaria de Educação de Juara e Nilza Crixí foi contratada para ser merendeira na Escola Municipal Munduruku. As aulas atendiam a turma multisseriada e era no período matutino.

A vontade do povo era ter dois professores formados, mas Marino Burum desistiu do curso por ter perdido um filho que morreu de pneumonia. Fiquei sozinho no curso, enfrentei muitas dificuldades logísticas e financeiras, mas terminei o curso em 1999 e a formatura foi em 2000. Nessa época, funcionava o projeto Terceiro Grau Indígena, pela UNEMAT, então, em 2001, entrei na faculdade fazendo o curso de Licenciatura de Ciências Matemáticas e da Natureza, terminei em 2005.

Nesse período, na comunidade, já estava tendo outra pessoa como professor, Roberto Burum Kerepu. Como tinha um número de pessoas com a 4ª série e era preciso

¹ O projeto Tucum foi um curso de formação em magistério para professores indígenas do Mato Grosso entre 1996 e 2000, tendo 13 etnias distribuídas em quatro polos. Esse curso oportunizou a formação de professores indígenas para atuar em suas aldeias. O curso tinha o propósito de aproximar as discussões entre terra, língua e cultura, trabalhando conteúdos que abordavam a questão indígena específica, diferenciada, intercultural e bilíngue. Para a nossa escola, ter participado dessa formação trouxe conhecimento das lutas que precisávamos abraçar, o caminho seria longo, precisava da união entre escola e comunidade. Com a participação dessa formação de magistério, possibilitou a criação do Terceiro Grau Indígena em Barra do Bugres que também veio somar para que hoje tenhamos mais professores formados, mais cursos na FAINDI e brota a esperança de fortalecer cada vez mais e ter novos cursos que só irão somar para a melhoria da educação e da população indígena de Mato Grosso.

ter continuidade de estudos, estávamos discutindo a estadualização da escola para que pudéssemos ter futuramente o Ensino Médio sem ser preciso pessoas mudarem da aldeia e estudar na cidade.

Em 2007, iniciou-se a construção do novo prédio escolar e em 2008 passou a ser estadual, recebendo o nome de Escola Estadual Indígena Krixi Barompô. Passamos a ter mais professores porque as turmas foram divididas, não era mais a modalidade multisseriada, passou a ter um diretor escolar, um vigia, zeladora, merendeira e coordenadora. A escola recebeu um laboratório de informática e uma pessoa assumiu como professor. Por volta do ano de 2010, o professor Marcelo Manhuari Munduruku, que tinha chegado em nossa aldeia em 2007 e assumido sala de aula, passou a fazer a faculdade indígena. Iniciou em 2008 um grupo de dança, que trabalhava alguns cânticos Munduruku, mas trabalhava na oralidade, era uma iniciativa de trabalhar a Língua Originária Monjoroko.

Enquanto a saúde, em 2000 saiu da FUNAI, passou a ser da FUNASA e a comunidade recebeu um motor gerador que era ligado às dezoito horas e desligava às vinte e duas horas. Foi construído um prédio de alvenaria para o Posto de Saúde, passou a ter técnico de enfermagem e agente de saúde indígena. A comunidade passou a ter um carro para a saúde quatro anos depois.

Em 2005, através da saúde, fizeram um mini poço artesiano e colocaram duas caixas d'água e encanamento nas casas. Passamos a ter barco a motor. Em 2010, passamos a ter energia elétrica e muitas coisas foram mudando dentro da comunidade.

O fato de não termos materiais didáticos que pudéssemos trabalhar de forma consistente a Língua Materna, fez com que nos enfraquecêssemos porque havia muitos falantes, mas somente uma pessoa sabia escrever, era Joaquim Cixi. Todas as vezes que os professores precisavam, chamavam-no para ir à sala de aula.

O fato de estarmos sempre em contato com os dois povos indígenas vizinhos, os Kayabi e os Apiaká, a comunicação entre nós era em Português, porque se eles falassem na língua deles, nós não iríamos entender; se nós falássemos na nossa língua, eles não iriam entender. A Língua Portuguesa passou a ser, então, uma língua intermediária para nós.

Quando íamos para a vila mais próxima, chamada Águas Claras e na cidade de Juara, precisávamos falar Português e os meios de comunicação, como rádio e televisão fizeram com que a Língua Portuguesa tomasse mais força. Muitas famílias passaram a não falar com seus filhos a Língua Originária, somente o casal falando; outras famílias falavam com os filhos em Monjoroko, as crianças e jovens entendiam, mas não falavam.

A questão da Língua Originária foi enfraquecendo desde quando fomos morar com os Apiaká. Quando passamos a habitar o território da nossa aldeia só com Munduruku, havia enfraquecido, pois tínhamos as famílias que vieram do Pará que não dominavam mais a nossa língua por terem ido morar com não indígenas.

Em poucos anos, começaram a surgir casamentos interétnicos com os Kayabi, entrou na cultura o uso de meios tecnológicos como televisão, rádio portátil, *internet*, computador, celulares e a falta de um apoio didático pedagógico na escola continuou o mesmo. Diante dessa fragilidade linguística, Nascimento (2015), que iniciou suas pesquisas de 2007, fala do olhar de quem vê de fora, porque a primeira reunião que fizemos para aceitar a pesquisa dela, foi conversado entre a comunidade só em Monjoroko e quando queríamos saber alguma coisa, eu fui o interlocutor para perguntar em português para ela:

Podemos citar que entre si falam na Língua Materna, mesmo quando estamos presentes e estão conversando algo que diz respeito somente a eles, porém dirigem-se a nós em Português. Devido conhecê-los há ade a koato (muitos anos), observamos que essa prática de falarem na Língua Materna é mais visível entre os adultos e anciãos, os jovens demonstram timidez em falar na presença de outra pessoa, argumentam que não falam, mas entendem o que seus pais dizem. As crianças não a dominam totalmente, entendem o que falam para elas, falam palavras soltas e sabem cantar músicas tradicionais no idioma. (NASCIMENTO, 2015, p.47)

O povo Munduruku sempre buscou participar de ações de fortalecimento cultural e da Língua Originária, fazendo parcerias e trabalhos coletivos com outras instituições como a UNEMAT e UFMT. Um exemplo foi a participação no projeto “Interculturalizando talentos: articulações entre linguagens, História Étnica Cultural e Educação Ambiental”. Em 2017, teve um projeto cultural do Estado, através do Instituto Munduruku que temos na nossa comunidade, com recursos e a comunidade decidiu que era preciso ir pessoas convidar famílias do Pará para vir morar na aldeia. Assim, vieram dois professores com suas famílias porque era preciso trabalhar além da Língua Originária, alguns outros elementos da cultura, como artesanatos. Um dos professores voltou para o Pará depois de um ano e o outro permanece até hoje e tem trabalhado de forma que está agradando a comunidade.

Em 2017, também começamos a fazer parte do projeto Saberes Indígenas na Escola, que funcionou como uma rede de instituições de Ensino Superior Públicas, envolvendo a Coordenação do Programa do Ministério da Educação SECAD/MEC e teve como coordenação geral a Universidade Federal de Mato Grosso, parcerias com o

Instituto Federal de Mato Grosso, Universidade do Estado de Mato Grosso, Secretaria de Estado de Educação, Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, Centros de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica (CEFAPROs) e Assessorias Pedagógicas de algumas cidades.

Nesse projeto, participaram outros povos indígenas do Mato Grosso: Kayabi, Apiaká, Bororo, Terena, Umutina, Kayapó, Chiquitano, Paresi, Nambikwara e Irantxe. Os professores que trabalharam efetivamente conosco foram da UNEMAT, o professor Alceu Zoia, professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira e professora Ronélia do Nascimento, tendo a colaboração também das professoras Lori Hack de Jesus e Jaqueline Passuch. O projeto ocorreu em 2017 e 2018, com encontros de formação para professores; 2018 e 2019 trabalhamos com a produção de um livro de Frutas Silvestres, trazendo algumas atividades com a Língua Monjoroko e Portuguesa. Também tivemos oficinas de produção de materiais didáticos envolvendo letramento e numeramento. Em 2020 e 2021, tivemos formação pedagógica e a produção de um livro didático de cânticos na Língua Originária com atividades para estudantes. Esse material foi escrito em corresponsabilidade com o projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural no qual ingressei.

Em 2018, seis pessoas da comunidade entraram na Faculdade Indígena, da UNEMAT, de Barra do Bugres - MT, desses, três professores, um que trabalha de barqueiro da Saúde e dois já foram professores, estão fora da sala porque o Estado não permite o funcionamento de turmas de acordo com números de alunos.

Nesse tempo, iniciei o Mestrado Indígena. Minha vontade foi de pesquisar e fazer registros dos cânticos tradicionais na Língua Originária para que pudéssemos fortalecer a Língua Monjoroko. Perder a Língua de Origem é deixar morrer muitos conhecimentos juntos com ela, porque quebra o vínculo com a nossa história e a nossa identidade. Sou Munduruku, pai, avô e professor, sinto responsabilidade de fortalecer a Língua Monjoroko, revitalizar práticas tradicionais e entre essas práticas estão os cânticos do meu povo. Se a nossa Língua Originária e os cânticos desaparecerem, perderemos elementos que fortalecem nossa identidade cultural.

Por esse motivo, faço anotações, estudo, registro diálogos que tenho com os anciãos e os falantes da Língua Originária e procuro trabalhar em sala de aula para que nossa Língua Monjoroko sobreviva, mesmo que pressionada pelo contato com outras línguas. É possível dominar outras línguas sem deixar de lado a Língua de Origem, considerando que há não indígenas que dominam até cinco línguas diferentes.

Penso que toda essa trajetória teve pontos positivos e negativos para nós Munduruku que viemos para a Terra Indígena Apiaká/Kayabi. Um dos pontos negativos foi o enfraquecimento da nossa Língua Originária. Para torná-la forte, que as pessoas dominem a oralidade e a escrita, será preciso de um trabalho a longo prazo e que todas as pessoas da comunidade tenham o compromisso de fortalecer a Língua Originária no dia a dia em suas casas e todos os lugares em que estejam.

O nosso povo continua mantendo o costume de colocar nomes nas crianças que nascem em Monjoroko, como apresentou Nascimento (2015, p. 49), falando do nome das crianças e o significado, como

Gleydson é Xewat pu – menino risonho, Allan é Borum Biboy – anda balançando, Érica é Jewũ – chegou rápido, Jhenniffer é Bawu – braço fino, Mayck é Saw biby – menino formiga, Jusilene é Bapõn – pula igual uma bola, Jucilaine é Jowun – anda enfeitada, Junes é Bi'jhuwatpô - seringueira chegou, Juniele é Biray - menina esparramada, Marcia é Biwã - menina distraída e Elione é Sawby - menina formiga.

Os nomes são colocados pelo avô paterno ou materno, escolhem pelas características da criança ou nome de alguma planta ou animal, mas no registro do cartório colocam em Português, algumas famílias chamam seus filhos pelo nome da cultura e outros não.

Na nossa aldeia, as pessoas estão, ao longo dos anos em contato com a sociedade não indígena, tentando manter viva a Língua Originária e a cultura de nossos ancestrais. É preciso dominar as duas línguas, a Monjoroko e a Portuguesa, buscarmos atividades práticas, confecções de materiais didáticos de assuntos variados para estudo da história do povo, em que jovens e crianças possam identificar traços culturais e nossas crenças.

Acredito que a realização dos anseios do nosso povo deve ser em conjunto entre escola e comunidade, para termos uma educação participativa, bilíngue e intercultural, na busca de revitalizar ou fortalecer a cultura e a nossa Língua Originária, possibilitando interação.

3 A IMPORTÂNCIA DOS CANTOS MUNDURUKU

Apresentamos neste capítulo como os cantos são importantes nas culturas e para o povo Munduruku. Aprender e praticar os cânticos é uma forma de valorização da nossa Língua de Origem, é também uma forma de transmitir nossa cultura, preservar memórias históricas, a nossa organização social, elementos importantes na formação da identidade enquanto povo. A valorização dos cânticos deve ser motivada pelos professores, pela comunidade, pelos anciãos para manter a nossa cultura e a nossa Língua Originária.

3.1 O canto como cultura de vários povos

O canto está presente em muitas culturas, eles fazem parte das culturas populares, das culturas afro-brasileiras e das culturas indígenas. Muitos povos produzem cantos em diferentes manifestações culturais ou recebem os cantos por sonhos, por espíritos. Os cantos dos povos indígenas falam das crenças, explicam a vida e estão presentes nas danças, funerais e rituais.

O papel da cultura é muito importante na vida dos povos indígenas, é um conjunto de muitas vivências, dos rituais, das tecnologias indígenas, dos cantos e do jeito de viver, tudo vai formando a teia: “a historicidade inerente à cultura – como teia de significados tecidos pelos homens – estrutura de significados construídos socialmente” (GONÇALVES, 2010, p.69)

Atualmente, muitos povos estão preocupados com a cultura, com a língua e também com seus cantos. Peres (2013) entrevistou uma integrante, Yara, do grupo de dança do povo Macuxi, sobre os cânticos e a entrevistada respondeu que ela aprendeu com uma mulher da comunidade e não com sua mãe. Se não repassarem para as crianças, os cânticos podem desaparecer porque as crianças e jovens estão cada vez mais interessados nos cânticos e danças dos não indígenas. Nas atividades da comunidade, quando iam cantar e dançar, as crianças participavam, depois que ficavam moças e rapazes se afastavam.

A visão que nós, Munduruku, temos é que já perdemos muito de nossa cultura com o passar dos tempos. É urgente a necessidade de fortalecer a identidade do povo, os nossos valores, nossos cantos, por isso é importante a participação da comunidade nessa luta do trabalho com os cânticos:

Ao observarmos os cantos e danças dos Macuxi que moram em Boca da Mata percebemos que eles possuem um significado de ação coletiva e representativa de sua cultura. Essa representação e ação

coletiva possuem um valor simbólico que remete para sobrevivência da etnia no tempo e no espaço. (PERES, 2013, p.88)

Tradicionalmente, os cantos indígenas pulsam nas comunidades mantendo vivas nossas culturas. Os invasores tentaram nos silenciar, tentaram exterminar todos os povos indígenas, mas resistimos, também, através dos cantos. Na musicalidade de cada povo vive a memória de cada identidade.

Os cantos são canais de afirmação e de revitalização. São, também, canais pedagógicos para a comunidade e para a luta pelos direitos coletivos dos povos tradicionais. Funcionam para comemorar e contar fatos históricos, pontos geográficos, animais das florestas e a vida indígena e são praticados por pessoas de todas as idades, da criança ao ancião:

E quanto ao sagrado, destacamos os cantos, as crianças cantavam e dançavam em vários momentos como forma de brincadeira, nos convidavam para aprender a cantar na língua materna e dançar. (Vale dizer que as danças apresentadas por elas, eram realizadas em círculos, feito uma ciranda). Outros momentos queriam que fotografássemos e gravássemos suas performances. Entre um canto e outro, dança após dança, Regiane Burum Kerepu comentou que não podiam dançar a dança do porco queixada, esta é restrita para o pajé. Ao ouvir Regiane Burum Kerepu, Junildo nos conta sobre os cantos sagrados, diz que não falam sobre nada, simplesmente tem sonoridade, e faz uma demonstração. Não era emitindo palavras, mas um som, o menino não abria a boca para sair esse som, ficou de olhos fechados entoando esse canto durante uns cinco minutos, as demais crianças que se encontravam no local ficaram em silêncio, ouvindo-o. Quando terminou, o menino explicou ainda que esses cantos sagrados são para agradecer ou pedir algo para as divindades, aprendeu-os com seu avô. (NASCIMENTO, 2015, 136-7)

Podemos observar nas letras dos cantos que falam dos pássaros, da dor, do sofrimento, dos louvores à espiritualidade e dos ritos, comemorando os momentos mais importantes dos povos, como festas, aniversários, casamentos, mutirões, colheitas e caçadas.

3.2 Os cantos para os Munduruku da Aldeia Nova Munduruku

Os cantos são importantes para o povo Munduruku, mas aqui na aldeia Nova Munduruku é preciso fortalecê-los na Língua Originária, usando-os nas festas da comunidade, nas atividades escolares, nas brincadeiras e nos rituais.

Historicamente, sofremos violências e isso prejudicou a língua de muitos povos indígenas, no nosso caso, além da violência no passado, o forte contato com não indígenas e com os parentes Kayabi e Apiaká aqui no Estado de Mato Grosso, contribuiu para que diminuíssemos de falar o idioma e cantar nossos cantos.

No mesmo sentido, também contribuem para essa reflexão as palavras de Maher (2010, p.34):

foi principalmente devido ao açoite, à ameaça, à intimidação e à depreciação, atos de violência, ora mais, ora menos explícitos, que várias comunidades indígenas brasileiras ‘optaram por abandonar’ suas línguas tradicionais. É, portanto, imperioso, que esse ‘abandono’ seja sempre colocado entre aspas porque uma comunidade de fala não desiste de sua língua livremente. Não é como se ela, racionalmente, pesasse os prós e os contras e, em seguida, tomasse a fria decisão de abandoná-la em favor da língua portuguesa, da língua majoritária.

Os cantos fazem parte da Língua Originária e quando os povos indígenas param de falar, muitas vezes também param de cantar e a língua vai enfraquecendo. Eles têm significados diferentes para cada povo. Os Tikmũ’ũn são diversos povos indígenas que habitam o nordeste do Estado de Minas Gerais e que falam a língua Maxakali. Para eles, os cantos são trazidos pelos espíritos, os homens emprestam suas vozes e são recebidos pelas mulheres com alimentação e festa (SILVA, 2017).

O povo Bororo, do Estado de Mato Grosso, faz os cantos durante o funeral Boe Bororo e têm significado específico para eles. Outros povos também têm cantos que acompanham os seus rituais, assim como o povo Munduruku tem seu canto próprio.

Os cantos podem ser compartilhados com outras pessoas e entre nós, Munduruku, mas somente os Munduruku compreendem o significado porque fazem parte do nosso mundo. Os nossos cantos foram ensinados pelos nossos ancestrais, pelas mulheres e por Karusakaybu, a divindade Munduruku.

Os cânticos dentro dos costumes Munduruku têm sua importância peculiar, como cânticos para receber visita, para demonstrar nossa alegria por estar em nossa aldeia, cânticos que contam a história do surgimento do povo Munduruku, cânticos de guerras ancestrais, cânticos da colheita do milho, do voo das araras, do Tawé, que é o macaco prego, da caça, da colheita da mandioca, do jabuti que leva para o não indígena comer, o cântico das mulheres, do ritual da Manikuera e o cântico do pajé. Todos esses se encontram no livro produzido no projeto Ação Saberes Indígenas na Escola e fazem parte como produto pedagógico deste trabalho.

Todos são importantes, uns explicam a alegria de receber pessoas, outros falam sobre os animais e sobre as colheitas. No período das colheitas, está o canto que fazemos para maniva no momento que estamos na roça, plantando, e, depois, colhendo a mandioca; é um canto de agradecimento aos espíritos ancestrais.

O canto das mulheres conta a história de quando abandonaram seus maridos, caíram na água para se transformar em peixe e, ao cair na água, estavam cantando e continuaram cantando e quanto mais cantavam se transformavam mais em peixe. Alguns homens, querendo as esposas de volta, as pescaram, e, assim, alguns conseguiram suas esposas. A regra era pescar e jogar para trás sem olhar. Elas se debatiam e se transformavam de volta em mulheres. O marido que cumpriu a regra teve sua esposa de volta. As que voltaram, trouxeram com elas os cantos.

No ritual da Manikuera também há cantos feitos por todos os que participam, é um canto sagrado e a Manikuera é um mingau feito pelas mulheres e entregue aos homens para fazer a oferenda aos espíritos dos animais. Essa oferenda é feita, mas os espíritos dos animais são invisíveis. Até hoje é muito respeitado e se prometer fazer Manikuera tem que cumprir porque os espíritos ficam esperando.

O canto do jenipapo é importante porque é desse fruto que é feita a tinta para a pintura corporal do povo Munduruku, é preciso agradecer essa planta, pois a pintura corporal é bastante respeitada. O canto tem quatro momentos: o primeiro para as folhas do jenipapo; o segundo, para as frutas; o terceiro, para quando madura e cai no chão e o quarto, quando apanha a fruta, prepara e começa a se pintar com a tinta.

Cada canto tem seus significados e um tempo a ser feito. Ultimamente, na comunidade Nova Munduruku, os cantos também são feitos para apresentações e para que outras pessoas os conheçam. É possível ver crianças cantando os cantos que apreenderam quando estão brincando.

Os anciãos falam que o enfraquecimento de cantar como no passado vem desde o Pará, provavelmente devido ao contato com os internatos, pois os filhos ficavam longe dos pais e deixavam de praticar no dia a dia os cantos, eram proibidos de praticar qualquer atividade cultural e falar a Língua Monjoroko. Além disso, meninos e meninas eram proibidos de se falarem.

É por esse motivo que vejo a escola como um dos lugares de retomar nossas práticas culturais, levar os alunos e a comunidade a valorizar a própria cultura e manter o uso dos cantos em vários acontecimentos do nosso dia a dia, trazendo as três modalidades: oral, escrita e leitura. Tendo o apoio da comunidade para a retomada dos cantos nas

atividades do dia a dia, os professores terão mais facilidade em contribuir com a aprendizagem dos alunos desde a alfabetização.

Os mais velhos e os falantes da Língua Monjoroko consideram fundamental resgatar os cantos para fortalecer a Língua Originária e entender a importância dos cantos e da Língua Originária por ser parte da construção da identidade do modo de ser Munduruku.

4 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO DE CÂNTICOS MUNDURUKU: SABERES CULTURAIS E LINGUAGEM – ALDEIA NOVA MUNDURUKU – RIO DOS PEIXES E DO VÍDEO CULTURA E CANTOS MUNDURUKU

Nessa parte do texto, vou descrever como aconteceu a elaboração do livro junto com professores e estudantes indígenas e também com o Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola. Posteriormente, fizemos o movimento para a produção de um vídeo com três cantos, para que também venha contribuir como material didático-pedagógico na escola.

4.1 Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola

A aldeia Nova Munduruku, por meio dos professores da Escola Estadual Kixi Barompô, participa do projeto Ação Saberes Indígenas na Escola desde 2016. Existem professores cursistas, coordenadores, supervisor e professores formadores, cada um na sua função e todos têm bolsas. Mesmo os professores que não têm bolsa, participam das ações do projeto.

O projeto Ação Saberes Indígenas é nacional e funciona em rede. Seu objetivo é

promover a formação continuada de professores da educação escolar indígena, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica nas escolas indígenas; oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas; oferecer subsídios à elaboração de currículos, definição de metodologias e processos de avaliação que atendam às especificidades dos processos de letramento, numeramento e conhecimentos dos povos indígenas; fomentar pesquisas que resultem na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues, conforme a situação sociolinguística e de acordo com as especificidades da educação escolar indígena.

(<http://www.fn-de.gov.br/programas/bolsas-e-auxilios/eixos-de-atuacao/lista-de-programas/item/6439-saberes-indigenas-na-escola>)

O Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT tem a UNEMAT como parceira e tem feito um trabalho de produções de materiais importantes para o povo Munduruku. O projeto da Rede UFMT compõe a rede de universidades brasileiras que contam com o financiamento do Ministério da Educação – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), foi criado no ano de 2013 pela portaria n. 1.061, de 30 de outubro de 2013, dentro da SECADI, que foi extinta no atual governo, acabando com organização federal que agisse em benefício da diversidade com maior força.

Esse projeto atende o letramento e o numeramento indígena para a formação continuada de professores indígenas que têm aulas na educação básica e o objetivo foi do bilinguismo. Considerada a importância de fortalecer a cultura e Línguas Originárias em muitas comunidades indígenas, a ação dos Saberes Indígenas na Escola teve por meta criar condições de interferir nessa realidade, investigando saberes e levando a comunidade a refletir propostas de elaboração de materiais didáticos e estudos de alfabetização em Línguas Indígenas e Portuguesa.

As práticas de letramento e numeramento relacionadas aos contextos sociais e às observações permitem inferir que entre os não indígenas, de maneira geral, o numeramento vem associado ao letramento. Assim, no nosso caso, era urgente que cada povo envolvido no projeto tivesse a liberdade de escolher o que produzir nos materiais didático-pedagógicos. O material que faz parte desta pesquisa foi a última atividade do projeto, a elaboração de um livro com cantos Munduruku e o vídeo com a prática.

4.2 A produção do livro: Movimentos pedagógicos na Aldeia Nova Munduruku

A produção do livro era um sonho. Quando tive a proposta do projeto Ação Saberes Indígena na Escola, como coordenador do projeto na escola e vendo a necessidade de materiais didáticos para trabalhar a nossa Língua Originária, pedi para que o material fosse um livro assim, como outros povos que fizeram parte do projeto, cada um escolheu um tema, nós escolhemos os cantos. Como discente do mestrado, percebi que podia unir os dois trabalhos e fazer a pesquisa dentro do projeto porque a proposta do mestrado era fazer a pesquisa usando práticas pedagógicas em sala de aula, e, para não sobrecarregar mais do que estava sobrecarregado, uni as duas atividades.

A reunião do projeto Ação Saberes Indígenas na escola aconteceu com a equipe do projeto. Os professores da UNEMAT envolvidos no projeto vieram até a aldeia orientar como fazer o trabalho, quanto tempo teríamos para estar com o material pronto e enviar para ser publicado.

Na ocasião, quando entrei no mestrado, apresentei o projeto de pesquisa para a comunidade, mostrando como iria fazer, usaria a atividade do projeto Ação Saberes Indígenas na escola e a comunidade apoiou, entendendo que seria melhor para fazer um trabalho servindo para as duas exigências.

No projeto Ação Saberes Indígenas na escola tivemos cinco professores bolsistas e eu que coordenava a ação na escola junto com eles. Senti que meu sonho estava começando a criar vida, infelizmente veio o COVID-19 e limitou o trabalho, ficando mais difícil de reunir para fazer as atividades dos cantos.

Tivemos que parar por um tempo as atividades porque todos da aldeia foram contaminados, só depois que todos se recuperaram, começamos a fazer o levantamento dos cantos com os anciãos, pais, mães e outros falantes fluentes na Língua Monjoroko. Os alunos do Ensino Médio, do Ensino Fundamental e professores fizeram o levantamento dos cantos, depois, em pequenos grupos, se reuniram com pessoas que dominavam fluentemente a Língua Originária para fazer a versão em Português.

Fiz o acompanhamento e orientação nessa coleta de cantos e o momento da escuta e da escrita. As letras dos cantos escritos na Língua Monjoroko passaram por revisão de um ancião e outro professor. Em algumas letras não foi possível fazer a versão porque nem o ancião conhece algumas palavras por serem muito antigas. Com o passar do tempo, algumas palavras foram mudando, um exemplo simples que posso dar é que antigamente, segundo meu pai, que tem 83 anos, até os anos de 1970 se falava Wey Kabiá, que é “bom dia”, e hoje só se usa Kabiá. Esses aspectos linguísticos foram enriquecedores para professores e alunos, retrataram aspectos importantes da vida sociolinguística do nosso povo.

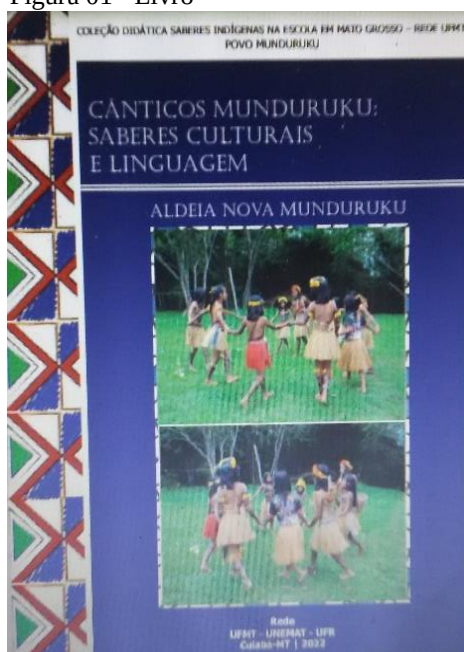
Os alunos criavam os desenhos e faziam a escrita. Nesse período, eu estava passando por um momento triste, minha mãe estava doente, ia e vinha do hospital, cada vez mais fraca. A comunidade toda envolvida em ajudar a cuidar dela, durante a noite era preciso ter pessoas para cuidar, enquanto a outra dormia e ia trocando de pessoas para atender o que ela precisava.

Em setembro ela faleceu, entramos em luto conforme o costume do nosso povo. Hoje, eu sei que meu coração ainda dói e sente a sua falta. Naquele resto de ano, pensei em desistir de estudar, passar a coordenação do projeto para outro professor. A comunidade e a equipe de professores da UNEMAT que acompanhavam o projeto não aceitaram a minha desistência. Apoiaram-me a erguer a cabeça e continuar o trabalho do livro (Fig. 01) porque era um sonho meu, e que, se a minha mãe estivesse junto a nós, ela não iria querer que eu deixasse o trabalho.

Da mesma maneira, foi o que todos falaram para mim sobre continuar o estudo, para homenagear minha mãe, e nessa homenagem trago mais abaixo o canto das mulheres que está no livro (Fig. 02).

Depois que me senti mais fortalecido, conversei com os professores da escola para enriquecer nosso material para ser usado pelos alunos e, então, começaram a criar as atividades dos cantos envolvendo o letramento e o numeramento, passavam para mim, eu digitava os cantos. Depois desse trabalho, encaminhei escaneado para a coordenadora local de estudos, que é professora da UNEMAT, Campus de Juara, para que a mesma montasse o boneco do livro e passasse para o nosso coordenador de polo, que enviaria para a editora.

Figura 01 - Livro



Fonte: Jones de Adenilson Manhuari Crixí

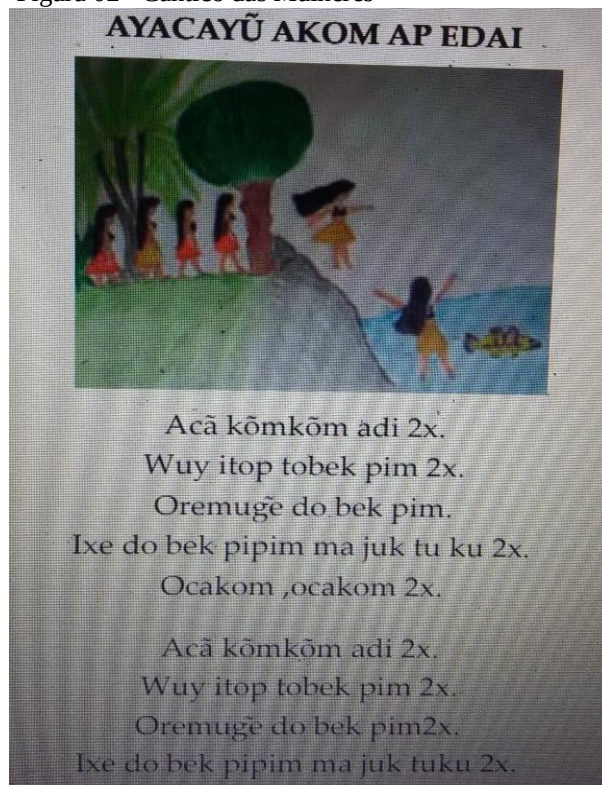
Quando estava ainda na fase de ter só o boneco do livro, a professora me enviou, reuni a comunidade, mostrei como estava montado o material, todos aprovaram e, assim, a professora enviou para o coordenador de polo para ser publicado.

Vi o material pela primeira vez quando participei de uma mesa redonda na X Mostra do COEDUC, em 10 de novembro de 2021, na mesa que teve o tema Saberes Indígenas na Escola e os materiais didáticos na aldeia.

Percebi a riqueza tanto do nosso trabalho como dos povos indígenas que estiveram envolvidos nesse projeto, o quanto soma no ensino e na aprendizagem como material pedagógico na escola. Por meio do material, os alunos vão conhecer os

significados dos cantos, os momentos que são cantados. O canto não é como uma música de artistas que cantam para fazer sucesso e ganhar dinheiro com show. O canto para o nosso povo é uma comunicação entre ser humano e a vida. É celebrar a vida, agradecer, receber, homenagear, curar e acalmar o nosso ser, a natureza e os espíritos que habitam no mundo.

Figura 02 - Cântico das Mulheres



Fonte: Livro Cânticos Munduruku: saberes culturais e linguagem

Esse cântico traz acontecimentos históricos da ancestralidade, tem a história que conta o momento em que as mulheres Munduruku pularam no rio e viraram peixe jacundá. Há muito tempo atrás, as mulheres Munduruku iam muitas vezes para o rio, demoravam voltar para casa, não davam mais atenção para os maridos que chegavam em casa e não encontravam comida feita.

Os homens começaram a conversar entre eles e todos falaram que as mulheres estavam do mesmo jeito, só queriam ir para o rio. Combinaram entre eles de saírem juntos para caçada e um homem ia ficar escondido para ver o que elas faziam tanto no rio.

Assim fizeram. O homem que ficou para olhar o que elas faziam, esperou todas irem para o rio e foi devagarinho, viu as mulheres lavando as cuias e outros objetos.

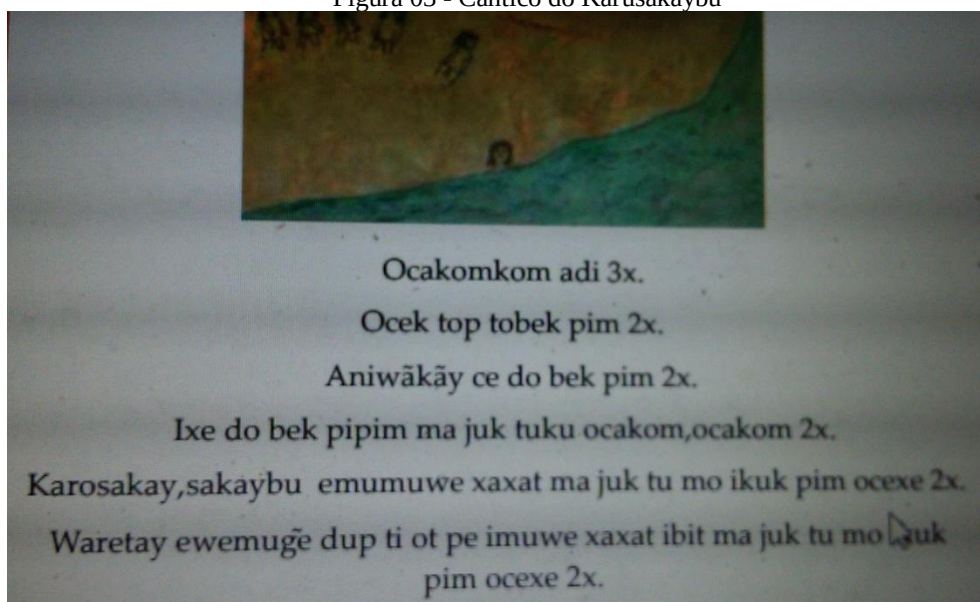
Apareceu uma anta e, quando ia chegando perto delas, se transformou em um homem de boa aparência e ficou namorando com elas. O homem foi chamar os outros maridos que estavam no mato e eles vieram. Quando viram suas mulheres namorando com aquele homem, atiraram flecha no homem e ele se transformou em anta de novo, saiu ferido e morreu.

Vendo isso acontecer, as mulheres ficaram muito bravas com os homens e pularam todas no rio e foram se transformando em peixe jacundá. Os homens ficaram sozinhos com os filhos uns dias, não aguentando mais de saudade das suas mulheres e por não ter como caçar, pescar, fazer roça, cuidar dos filhos e da casa foram para beira do rio para ver se pescavam a esposa transformada em peixe. Começaram a pescar, quando jogavam a linha do anzol com o peixe fogado, não podiam olhar, porque quando o peixe tocava na terra se transformava em mulher de novo.

Depois que cada um pegou sua mulher, elas falaram que só voltaram porque tiveram dó deles, porque eles atiraram flecha no filho de Karusakaybu, por esse motivo a anta é o animal sagrado do nosso povo e foi desse acontecimento, quando as mulheres voltaram para a terra, que trouxeram os cantos com elas de dentro do rio.

Outro cântico que usamos muito é o do Karusakaybu (Fig. 03).

Figura 03 - Cântico do Karusakaybu



Fonte: Livro Cânticos Munduruku: saberes culturais e linguagem

Depois dos breves comentários acerca dos cantos, percebo que, desses materiais brota a esperança do fortalecimento da nossa Língua Originária, entendo que o fortalecimento acontece de fato quando a comunidade contribui para que jovens e crianças sejam falantes e escritores fluentes da Língua Monjoroko.

A revitalização dos cânticos é um dos caminhos a seguir, pelo qual professores, jovens e crianças reconheçam os materiais como trabalho coletivo, rico de saberes e formas de conhecimento que tiveram para elaborar o levantamento dos cânticos e sua organização, que isso os encorajem a novas pesquisas e novas produções e usem a nossa Língua Originária na coletividade, pois chegará o dia em que essas pessoas que são falantes fluentes não estarão mais vivas. Se as novas gerações não dominarem a oralidade e a escrita, a Língua Monjoroko na aldeia Nova Munduruku desaparecerá.

4.3 Produção do Vídeo Cultura e Cantos Munduruku

Um povo ou uma etnia é reconhecido por suas diferenças, seja na forma de se vestir, pintar o corpo, os adereços, as pinturas corporais usadas, na forma de suas celebrações culturais, por sua Língua Originária.

Pensando em fazer o trabalho de forma mais facilitadora para o aprendizado dos cantos, fiz uma reunião com os falantes fluentes da Língua Originária (Fig. 04), pedindo o apoio para gravarmos um vídeo com eles cantando.

Figura 04 - Reunião para a filmagem



Fonte: Jones de Adenilson Manhuari Crixí



Essa ideia surgiu por acreditar que seja outra forma de fortalecer a nossa Língua Monjoroko, revitalizar os cânticos, incentivar os estudantes enquanto fortalecimento da nossa identidade étnica e cultural, para que percebam o som das palavras, o ritmo, despertando, assim, o interesse em aprender e saber que através deles é uma maneira de sermos reconhecidos como pertencentes a um grupo étnico importante para a formação do país como os outros povos indígenas.

Através da reunião, falei o que estava pretendendo fazer, dialogamos, escolhemos os cantos para fazer parte das gravações, escolhemos três cantos, por estarem muito presentes na nossa cultura e na comunidade. O primeiro canto usamos quando vamos receber as pessoas em nossa comunidade para reuniões, aula de campo de escolas e universidades, é um canto de acolhida e recebimento. O segundo canto é de agradecimento à árvore do jenipapo, as suas frutas e folhas, porque as frutas utilizamos para ter a tinta que fazemos as pinturas corporais.

O terceiro canto é o da mandioca, fala da importância que tem para o nosso alimento, é da mandioca que fazemos a farinha fina e farinha tapioca, o beiju de dois tipos, um de tapioca e outro de massa, mingau, chibé e bolo. Fizemos o roteiro da filmagem.

No dia que marcamos para fazer a gravação do vídeo, não foi possível reunir todos da comunidade como gostaríamos (Fig.05) porque várias pessoas estavam ocupadas em suas atividades do dia a dia. Reunimos um pequeno grupo que contribuiu na participação do vídeo, um material que irá somar como material didático-pedagógico do livro.

Fig. 05 - Grupo da filmagem



Fonte: Jones de Adenilson Manhuari Crixí

Atravessamos o Rio dos Peixes de canoa, retornamos para a aldeia, onde ficaram outras pessoas para nos receber. Estávamos encenando a recepção de visita na aldeia e o

cântico usado para receber visitas, fiz uma explicação do que se tratava o vídeo e fomos para debaixo das árvores perto da escola. Fizemos uma roda de conversa e um dos membros do grupo que estava encenando ser o que estava recepcionando a visita entoou o canto de quando recebemos visitas (Fig. 06).

Figura. 06 - Cântico de receber visita

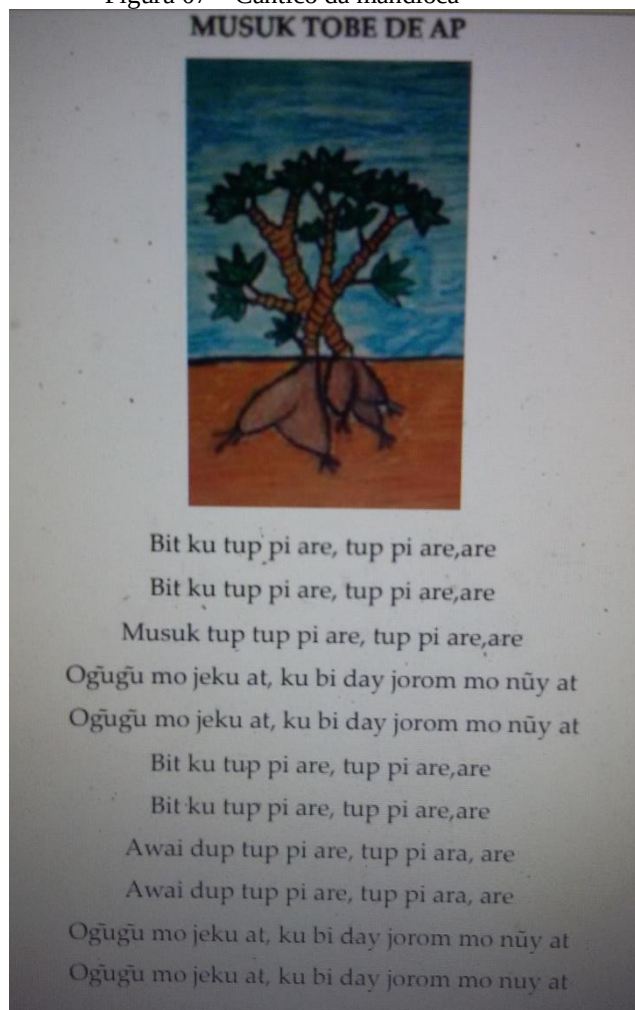


Fonte: Livro Cânticos Munduruku: saberes culturais e linguagem

Depois, fomos para a beira do Córrego do Tatu onde tem um pé de jenipapo e foi falado como usamos a fruta do jenipapo. Ali foi cantado o cântico do jenipapo que não está registrado no livro porque, devido o tempo que tínhamos para enviar o material para a editora, alguns cânticos ficaram sem ser colocados no livro. Outros cânticos foram cantados, como o da mandioca (Fig. 07). Depois, fomos para a roça arrancar mandioca. As mulheres cortaram e colocaram nos paneiros e voltamos para a aldeia. Tia Generosa Manhuari passou por uma casa em que estavam assando peixe, arrumou a lenha e falou que estavam assando axima.

Seguimos para a casa de forno, onde as mulheres colocaram as mandiocas no chão, sentaram e foram tirando a casca. Meu sogro, o ancião Ricardo foi arrumar a lenha e levou debaixo do forno e acendeu o fogo para fazer farinha.

Figura 07 – Cântico da mandioca



Fonte: Livro Cânticos Munduruku: saberes culturais e linguagem

No vídeo, estamos cantando na Língua Monjoroko; no livro, foi possível fazer a versão de alguns cantos na Língua Portuguesa por se tratar de um material que precisava ter o bilinguismo devido o projeto do Ação Saberes Indígena na Escola. No vídeo, tive a liberdade de fazer somente na Língua Monjoroko porque para cantar só cantamos na nossa Língua Originária. O uso da versão em Português no livro é para que se trabalhe na escrita e na leitura, porque, para cantar, só tem sentido se for cantado na nossa Língua Monjoroko, nos dois materiais é a nossa língua a principal.

Com essa produção de vídeo, outros professores poderão manifestar interesse em fazer o mesmo com outros cantos, motivando os alunos a trabalhar a questão linguística. Quanto mais registros em textos e vídeos tivermos, mais ajuda teremos para praticar os cantos na oralidade, na leitura e na escrita.

5 Considerações finais

Após essa trajetória de pesquisa, acerca do fortalecimento da Língua Monjoroko através da revitalização dos cânticos, com materiais didáticos pedagógicos para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula, por meio do livro *Cânticos Munduruku: saberes culturais e linguagem* (2021), juntamente com o vídeo, concluo que o aprendizado em sala de aula usando esses materiais é possível, trabalhando a pronúncia das palavras, depois como essas palavras são cantadas, explicar o significado de cada cântico e em que momento é usado. Usei em sala de aula, cantando primeiro para os alunos, pedia para acompanhar a letra no livro, depois eles cantavam comigo várias vezes até conseguirem cantar sozinhos. Essa metodologia foi empregada durante uma semana para que cantassem sozinhos sem a ajuda do professor.

Em cânticos que nós, professores, não sabemos, podemos convidar os anciãos e pessoas da comunidade que os conhecem para virem à sala de aula contribuir com o aprendizado dos alunos.

Esse sonho de ter materiais didáticos com os cânticos iniciou e espero não pararmos por aqui, continuar buscando mais materiais publicados e desenvolver por meio de audiovisual. Foi um caminho sofrido chegar até aqui com o resultado da pesquisa, tive muitos dedos apontados para mim, julgado, até eu mesmo cheguei a pensar que não terminaria.

A responsabilidade que tenho sobre mim fez com que me levantasse e tentasse novamente, cheguei nessa aldeia criança, aqui cresci, casei e tive filhos. As pessoas da comunidade acreditaram em mim e comecei a ser professor, tive apoio para fazer o magistério intercultural, o Terceiro Grau Indígena e o Mestrado Intercultural. Por saber que tenho compromisso com o lugar que cresci, vi nascer e crescer meus filhos e agora netos, não podia parar. O sonho que tenho de ver crianças e jovens falando e escrevendo fluentemente a nossa Língua Originária é o mesmo que os anciãos, professores, pais e mães querem.

A forma de trabalhar, a metodologia, cada professor vai usar experimentando a que mais dará certo com seus alunos, tanto professor como alunos têm que ter o comprometimento para o ensino e aprendizado. Enquanto grupo de professores, junto com a direção escolar, buscaremos meios para termos mais materiais didáticos da Língua Monjoroko, cobrar da Secretaria do Estado de Educação formação continuada, não basta ser falante da Língua Originária para ensiná-la, temos necessidade de formação específica

que atenda a todos os professores. A nossa Língua Originária está ligada à nossa identidade e precisamos nos apropriar para reforçar nossos traços culturais, buscar fortalecer nossa língua é uma luta de resistência enquanto povo Munduruku.

REFERÊNCIAS

BELLINGER, C. A. et al. **Alimentação nas escolas indígenas: desafios para incorporar práticas e saberes**. São Paulo: Comissão Pró-Índio, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 2005. BRASIL. Constituição, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

CAIAFA, J. **Aventura das Cidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

FERREIRA, W. A. de A. et al. **Aprendizagens dos Saberes Indígenas na Escola: Desafios para a Formação de Professores/as Indígenas**. Dossiê Especial Educação e Povos Indígenas: Identidades em Construção e Reconstrução. arquivos analíticos de políticas educativas Revista EEPA. Arizona State University Volume 28, Número 165, ISSN 1068-2341, 2020.

GONÇALVES, Alicia Ferreira. **Sobre o conceito de cultura na Antropologia**. Cadernos de estudos sociais. Recife. V.25, n.1 jan-julho, 2010. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br>.

MAHER, T. M. **Políticas linguísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira**. Currículo sem Fronteiras, v. 10, n. 1, p. 33-48, jan./jun. 2010.

NASCIMENTO, R. do. **Ser criança na comunidade Munduruku**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

PERES, L. **Cantos e Danças Indígenas: a resignificação do conhecimento tradicional da comunidade Boca da Mata no processo das transformações contemporâneas**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, 2013.

POVO MUNDURUKU. **Cânticos Munduruku: saberes culturais e linguagem.** Coleção Didática “Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso” — Cuiabá: UFMT, 2021.

ROCHA, G.; TOSTA, S. **Antropologia e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, B. V. R. da. **Crianças indígenas e música: cantos e formação da pessoa entre os povos Tíkmũ’ũn.** Congresso de Música – de 01 a 08 de dezembro de 2017 – ANAIS. Disponível: <https://musica.ufmg.br/>

YAWALAPÍTI, T. **DOCUMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DA LÍNGUA YAWALAPÍTI (ARUÁK): uma língua que não deve morrer.** Dissertação (Mestrado - Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, 2021.

CÂNTICOS MUNDURUKU:

Saberes culturais e linguagem



Aldeia Nova Munduruku

Rio dos Peixes

Juara – MT

2022



K89c KRIXI, Jones de Adenilson Manhuari.
Cantos Munduruku: Saberes Culturais e Linguagem / Jones de Adenilson Manhuari Krixí - Barra do Bugres, 2022.
107 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão Final - Curso de Pós-graduação
Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em
Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade
Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres,
Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

Orientador: Luzia Aparecida Oliva

Coorientador: Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

1. Canto Munduruku. 2. Cultura. 3. Linguagem. I. Jones de Adenilson Manhuari Krixí. II. Cantos Munduruku: Saberes Culturais e Linguagem: .

CDU 81-13



UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso.
Campus Universitário de Barra do Bugres.
Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto
Indígena Intercultural - PPGECH

Editor: Alceu Zoia
Capa: Marcelo Manhuari Munduruku (foto)
Arte textual: Professores e estudantes
Arte-final: Adriano Araújo

Coordenador: Jones de A. Manhuari Kixi

Professores/as Bolsistas

Jozino Sau Burum Munduruku

Roberto Burum Kerepu

Robenilson Manhuari

Luciana Mendes Tamaná

Bonifácio Kirixi Munduruku

Professores colaboradores

Elivelton Fernandes França- Diretor Escolar

Estudantes do 4º ao 9 ano

Consultores Nativos

Joaquim Cixi

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KRIXI BAROMPÔ

Aldeia Nova Munduruku, Terra Indígena Apiaká/Kayabi – Juara-
MT. – CEP 78575-000

Membros da comunidade

Rafael Mendes Saú

Adailson Munduruku

Orientação: Luzia A. Oliva

Coorientação: Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	04
-------------------	----

PARTE I

1 O POVO MUNDURUKU : GEOGRAFIA E CULTURA.....	05
---	----

2 HISTÓRIA DO POVO MUNDURUKU NO RIO DOS PEIXES EM JUARA-MT.....	08
---	----

3 USO DO AMBIENTE PELO POVO MUNDURUKU.....	09
--	----

PARTE II

1 A LÍNGUA MATERNA E SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DO POVO MUNDURUKU EM JUARA.....	12
--	----

2 A IMPORTÂNCIA DOS CÂNTICOS PARA OS MUNDURUKU.....	12
---	----

3 A PINTURA CORPORAL QUE ACOMPANHA OS CÂNTICOS	100
--	-----

4 OS CANTOS MUNDURUKU COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOA.....	103
---	-----



APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado de trabalhos pedagógicos realizados coletivamente junto aos professores/as da Escola Indígena Kixi Barompô no interior do Projeto Saberes Indígenas na Escola, em interface com o projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), de Jones de Adenilson Manhuari Kixi, denominado “Ensino da Língua Materna Munduruku através dos Cânticos: Uma possível metodologia para o fortalecimento linguístico e intercultural”. Também conta com grande contribuição da pesquisa de graduação de Jozino Sau Burum Munduruku com a pesquisa Cânticos Tradicionais de homens e mulheres do povo Munduruku.

O objetivo é apresentar a história do povo Munduruku no território brasileiro, sua localização e também a história do povo Munduruku no município de Juara. Os textos foram produzidos em coletividade com professores/as e estudantes do Ensino Médio, conforme proposta de pesquisa. Os estudantes do ensino médio vão aprendendo a escrita da língua materna e também aprendendo as pronúncias dos cânticos. O professor Bonifácio tem ajudado na pronúncia e escrita da língua materna.

O Projeto Saberes Indígenas na Escola é uma ação que busca promover a formação continuada de professores/as especialmente dos que estão nos anos iniciais, assim todo o trabalho envolve também os professores/as que atendem as crianças pequenas. Tem também o objetivo de elaborar materiais didáticos e paradidáticos como este que elaboramos, ele servirá de material a ser utilizado na escola.

O livro está organizado em duas partes, a primeira com informações gerais e importantes para a compreensão do povo Munduruku, Cultura e geografia e uso do ambiente. A segunda parte é sobre a importância da língua materna e atividades para crianças.

Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira



PARTE I

1 O POVO MUNDURUKU : GEOGRAFIA E CULTURA

O povo Munduruku habita o estado de Mato Grosso Amazonas e Pará. Dominávamos a região do Vale do Tapajós, somos conhecidos como um povo muito guerreiro. Geograficamente, estamos em regiões e territórios diferentes nos estados do Pará (sudoeste, calha e afluentes do rio Tapajós, nos municípios de Santarém, Itaituba, Jacareacanga), Amazonas (leste, rio Canumã, município de Nova Olinda; e próximo a Transamazônica, município de Borba), Mato Grosso (Norte, região do rio dos Peixes, município e Juara).

Conhecemos a geografia da floresta, dos campo e das águas e as aldeias Munduruku sempre ficam às margens de um rio, como a aldeia Nova Munduruku que fica às margens do rio dos Peixes.

Nossa cultura é diversa e muito rica de cantos, de pinturas corporais, alimentação tradicional, roças, caça, pesca, manejo da castanha, extrativismo de frutos silvestres na mata e confecção de artesanatos.

O povo Munduruku em Juara, no estado de Mato Grosso reside na Aldeia Nova Munduruku, no território indígena Apiaká/Kayabi (Fig.1).

Fig.1 Mapa da Terra Indígena Apiaká-Kayabi



Fonte: Rafael Mendes Saú

O povo Munduruku da Aldeia Nova Munduruku MT, ocupa território a margens direita do rio dos peixes (Fig.2)

Fig. 2 - Aldeia Nova Munduruku



Fonte: Jones de Adenilson Manhuari Crixí

O povo Munduruku usufrui da natureza como caça e pesca, de frutas silvestres, dos alimentos da roça de toco e também consome os alimentos industrializados. A comunidade Munduruku vem preservando e protegendo o território dos invasores e fazendo a fiscalização do local. Vivemos de costumes e tradição na comunidade fortalecendo a diversidade da cultura do povo.



2 HISTÓRIA DO POVO MUNDURUKU NO RIO DOS PEIXES EM JUARA-MT

O povo Munduruku, segundo as histórias dos antepassados, surgiu por Karosakaybo, que é considerado o deus do povo, quando existiam poucas coisas na terra. No princípio, Karosakaybo criou as mulheres a partir das quais se deu origem a outros indivíduos da mesma espécie denominada Munduruku, que significa Formiga Vermelha.

O povo pertence ao tronco linguístico Tupi Guarani. Sua autodenominação era chamada por outros povos de Cara Preta, em razão de pintarem o rosto todo de preto; outra denominação foi de Caçadores de Cabeça, uma característica exclusiva do Guerreiro da Tribo quando entrava em batalha com povos inimigos/rivais. Outra denominação dos Munduruku é chamada de Parintintim, nome dado pelos vizinhos Parintintins, que significa Formiga Vermelha.

Os Munduruku são originários do estado do Pará com uma população de aproximadamente 13.480 habitantes, dados fornecidos pelo censo de 2010. No estado do Mato Grosso existem aproximadamente 160 pessoas residindo à margem direita do Rio dos Peixes, município de Juara, na Aldeia Munduruku.

De acordo com as informações do Sr. Joaquim Crixí (Fig. 3) fundador e Cacique da Aldeia em Juara, esta aldeia foi fundada em 1989 com apenas 05 famílias e 07 pessoas: destas 02 -Manhuari, 02- Burum, 01- Crixí, 01- Saú e 01 Kerepú, lideradas por Joaquim Crixí, que veio a passeio para essa região para visitar seus parentes que residiam na Aldeia Poção, atualmente denominada Aldeia Mayrob. Tinha o objetivo de retornar para o Estado do Pará, mas acabou se agradando com as abundâncias de peixes e caças nesta região e pelo fato das melhores condições de vida para ele, seus filhos e netos, assim resolveu fundar a pequena aldeia nesta região.



Fig. 3 - Joaquim Kixi –Cacique da Aldeia



Fonte: Adailson Mundurku

Em 1989, Joaquim Cixi retornou ao estado do Pará permanecendo por lá num período de um ano, mas retornou em seguida e assim definiu a sua nova morada no Estado de Mato Grosso. A comunidade Munduruku a cada ano que passa vem se fortalecendo culturalmente, o que é um dos seus grandes objetivos. O povo indígena Munduruku de Mato Grosso está localizado na terra indígena Apiaká/Kayabi e pertencente ao município de Juara-MT. É um povo que ainda tem uma cultura forte e busca na natureza fontes para a sua sobrevivência e que busca conciliar meio ambiente com as necessidades do dia a dia e algumas atividades se tornam propícias para o modo de vida da comunidade.



3 USO DO AMBIENTE PELO POVO MUNDURUKU

O povo Munduruku possui uma relação boa entre ser humano e o ambiente, sempre procurando manter o respeito com a natureza onde vivemos, precisamos do mato para fazermos nossas roças tradicionais e o lugar onde caçamos para servir de alimentos aos nossos filhos.

O rio é o lugar que nos sustenta com a água e os peixes que ali vivem, lugar de pescaria, de tomar banho, lugar onde as crianças brincam, nadam (Fig.4)

Fig.4 - Imagem de crianças Munduruku no rio dos Peixes



Fonte: Jusilene Burum Crixí

Dessa forma, a criança Munduruku aprende desde cedo que respeitar o ambiente ao qual estamos hoje pode ser essencial para uma vida de mais qualidade futuramente, entender que somos indígenas protetores da natureza é fundamental para todos nós Munduruku.



Atividade:

1. Observe a aldeia Nova Munduruku e descreva as riquezas ambientais que existem em torno da aldeia.

R:

2. Pesquise um cântico Munduruku que fale sobre a natureza, escreva no caderno e faça ilustrações.

R: _____



PARTE II

A LÍNGUA MATERNA E SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DO POVO MUNDURUKU EM JUARA

A comunidade fala predominantemente em português. Atualmente, a língua originária encontra-se em processo de revitalização do léxico e pequenas frases. Há 46 pessoas na aldeia bilíngues em português/Munduruku. E há, ainda, uma anciã e uma adulta monolíngues em Munduruku. A comunidade está buscando cada vez mais apoio para o fortalecimento da língua materna, tanto em projetos da associação da comunidade como também via escola, que no projeto político pedagógico garante a disciplina na grade curricular da instituição, tornando a escola uma parte fundamental do processo de ensino da língua materna.

1 A IMPORTÂNCIA DOS CÂNTICOS PARA OS MUNDURUKU

Os cânticos têm uma importância fundamental para o Povo Munduruku, pois é através dos cânticos que podemos viver mais unidos, organizados em nossa comunidade. Os cantos trazem alegria, nos protegem dos espíritos maus que também a mãe natureza pode nos trazer. Os cânticos nos fortalecem para proteger nossos ambientes e locais onde sempre ocupamos em nosso território.

Os cantos são caminhos pedagógicos para a comunidade e para a luta pelos nossos direitos. Entre nosso povo Munduruku, temos cantos dos pajés, das mulheres, dos homens, dos jovens e das crianças. Os cânticos dentro do costume Munduruku têm sua importância, significado como os cantos para receber visitas, para demonstrar sua alegria, do surgimento dos Mundurukus, das guerras, colheitas de roças, das aves. Os cantos pulsam em nossa comunidade, mantendo vivas as nossas tradições e culturas.

2 OS CÂNTICOS MUNDURUKU

Os cânticos representam uma forma de expressão, quando estamos tristes, de luto por alguém que perdemos, quando estamos em festas ou rituais, quando estamos trabalhando, ou seja, cada canto tem uma finalidade, seja por motivo bom ou ruim, conforme se apresenta abaixo:



MURA DAIDA AP EDAI



Mura ataida ida

Vamos plantar o milho

Wuykube, Wuykube,

Vamos plantar o milho na nova roça

Menku, Menku,

Vamos assim, assim

Cowe i cowe i.

Vamos plantar de fileira cavando no chão



**AGORA É SUA VEZ: PENSE,
DEPOIS ESCREVA**

1 – Em qual época do ano é feito a plantação do milho?



R: _____

2 – Quais as comidas tradicionais do povo Munduruku que é usado o milho?

R: _____

3 – Quantas variedades de milho são plantadas nas roças?

R: _____



COKÔN EDAI



Xe e du ip taypa joro, taypa joro daypa bu

Xe e du ip taypa joro, taypa joro daypa bu

Xe e du ip taypa joro, taypa joro daypa bu

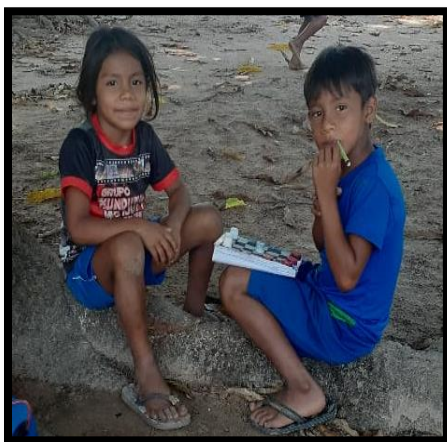
Xe e du ip taypa joro, taypa joro daypa bu

Ayay ba kuku Dayxe e.

Itoma i'e taypa joro daypa bu.

O cântico fala do tucano pulando de galho em galho das árvores.

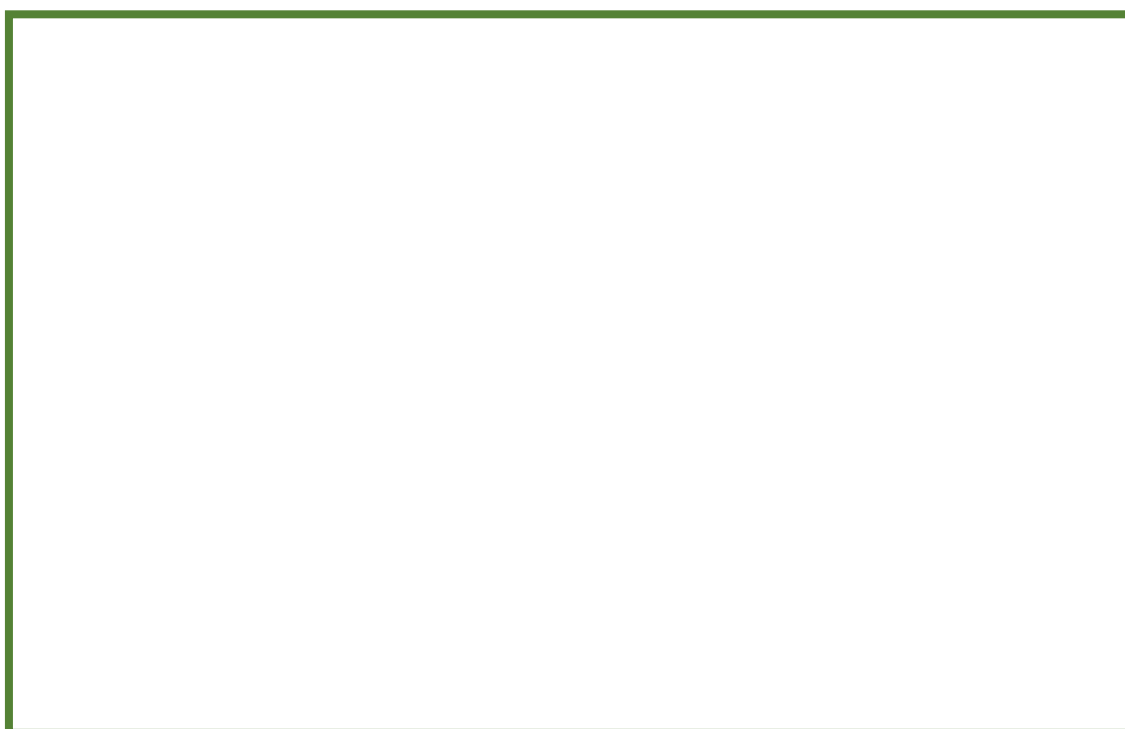
Vamos procurar conhecer a letra desse cântico na versão da língua portuguesa, procurando a ajuda das pessoas da comunidade?



1 – Vamos atender o pedido do ağokatkat it'it? Escreva a versão na língua portuguesa do cântico, se não conseguir toda letra do cântico, escreva as palavras que foram possíveis se ser identificadas pelas pessoas que você pediu ajuda:

R: _____

2 – Desenhe, pinte e escreva o nome na língua portuguesa dos pássaros que existem na mata que você conhece:



3 – Quais desses pássaros servem de alimento para o povo Munduruku?

R: _____



ĜUDUP'A DOBODE AP



Ui, ui, ui,

Ui, ui, ui

Ui, ui, ui,

Ui, ui, ui,

Iĝu dup acã ijop,

Esse só buriti

Iĝu dup acã ijop,

Esse só buriti

Iĝeybu dot tiĝrere

Ainda está verde no cacho

Iĝeybu dot tiĝrere

Ainda está verde no cacho

Idu to owebe

Aquele lá no pajé

Idu to owebe

Aquele lá no pajé

Jewakit kin ĝu mo, jewa jedotatam

Idu to iĝo wamõ tōwatpu

Idu to iĝo wamõ tōwatpu

Waaaoooo.



1 – Em quais localidades são encontrados os pés de buriti?

R: _____

2 – Em quais meses do ano o buriti está maduro?

R: _____

3 – Quais animais silvestres se alimentam do buriti?

R: _____

4 – Como o povo Munduruku faz a coleta do buriti?

R: _____

5 – A coleta do buriti é feita pelas pessoas do sexo masculino ou do sexo feminino?

R: _____



WAPURUM TOBE DE AP EDAI



Ui, ui, ui,

Ui, ui, ui,

Ui, ui, ui,

Ui, ui, ui,

Wapurũm acã ijop,

Essa só açai

Wapurũm acã ijop,

Essa só açai

Wapurum ku dipdip

Açai está bonito

Wapurum ku dipdip

Açai está bonito

Idu to owebe

De novo para mim

Idu to owebe

De novo para mim

Jewakit kin ãu mo, jewa jedotatam

Ainda está verde no cacho

Idu to iãõ, wamõ tõwatpu

Aquele lá no pajé

Idu to iãõ, wamõ tõwatpu



Aquele lá no pajé

Waaaoooo.

Waaaoooo.

1 – Desenhe um mapa mostrando onde são mais encontrados os pés de açaí próximos da aldeia Nova Munduruku:



IWAJO DOBE DE AP EDAI



Ui, ui, ui,

Ui, ui, ui,

iwajo acã ijop,

iwajo acã ijop,

parare uk pi jo ģun

parare uk pi jo ģun

Idu to owebe

Idu to owebe

Jewakit kin ģu mo, jewa jedotatam

Idu to iĝo wamõ tōwatpu

Idu to iĝo wamõ tōwatpu

Waaaoooo.

1 – Faça uma caminhada pela aldeia e observe quantos tipos de palmeiras existem nos arredores das casas e escreva os nomes:

R: _____



DACE XI KAĜERERE OTUJU'U IAP EDAI



Ijoce juk tuku adi

Esta aqui ainda tá

Ijoce juk tuku adi

Esta aqui ainda tá

Jebut juk otuju'u,

Ele carrega tartaruga em cima da árvore

Ai dace, dace xi

Mãe do gavião real

Ai dace, dace xi

Mae do gavião real

Aip xiriri nãku, nãku bi beat

Ele carrega tartaruga em cima de multidão de galho

Aip xiriri nãku, nãku bi beat

Ele carrega tartaruga em cima de multidão de galho



1 – CONHEÇA O ALFABETO MUNDURUKU

a, b, c, d, e, ã, h, i, j, k, m, n, o, p, r, s, t, u, w, x, y, ’

Escreva o alfabeto Munduruku em letra maiúscula:

R: _____

2 – Conte e escreva na língua materna quantas letras x tem no cântico acima:

R: _____

3 - Conte e escreva na língua materna quantas letras b tem no cântico acima:

R: _____

4 – Escreva o alfabeto em letra minúscula na língua portuguesa:

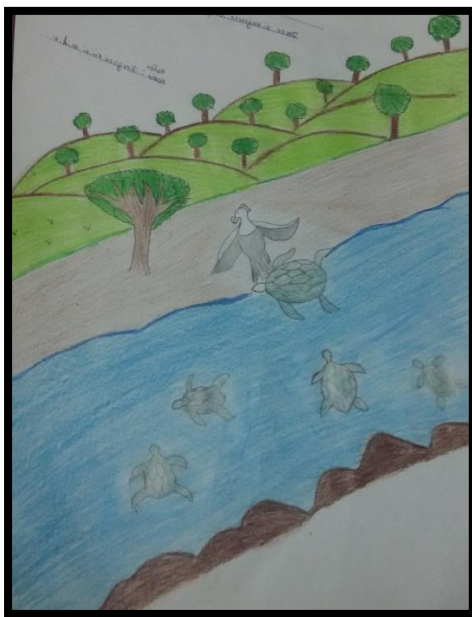
R: _____

5 – Observe quais letras o alfabeto da língua portuguesa tem e o alfabeto Munduruku não tem e escreva-as abaixo:

R: _____



KAĞERERE DACE XI OTUJU'ÕM IAP



Karekarem ãu juk, exi juk ocejo'o,

Aqui as tartarugas que comeram a sua mãe, a mãe do gavião real.

Dace xi, dace xi,

Tartaruga, tartaruga

Kaãe ãere ãerebo rebo at otuju'om 2x

Puxavam para o fundo do rio.

Wuyxipit ibajorit 2x

A minha irmã tem braços bonitos.

Vamos exercitar a língua materna

1 – Observe o desenho, escreva na língua materna quantas tartarugas tem:

R: _____



2 – Quantas tartarugas estão dentro do rio?

R: _____

3 – Quantas tartarugas saíram do rio?

R: _____

4 – Como se escreve tartaruga na língua materna?

R: _____

5 – Como se escreve rio na língua materna?

R: _____

6 – Responda na língua materna, qual o nome do pássaro que tem na letra do cântico?

R: _____

7 – Nesta frase “Wuyxipit ibajorit” tem quantas vogais? Responda na língua portuguesa?

R: _____

8 – Quantas consoantes tem nesta palavra “dace”? Responda na língua portuguesa.

R: _____

9 – No desenho tem wita’a?

R: _____

10 – No desenho, qual é a cor do kabi?

R: _____



COKO EDAI



Pakanã pakpak,

O mangaga vermelho.

Pakanã pakpu acã,

O mangaga vermelho, cor natural.

Oca muparirin ojuy io muy Coko diğ re,

Vem e penetra em nossas folhas e flores.

Coko dig re, dig re, dig re Io muy,

Io muy Coko dig re, coko dig re.

A partir daí soltando novo aroma.

1 – Escreva na língua materna o nome dessas frutas:











NAMUSU JEK PU EDAI



Boku boku 2x

Olha lá aonde fizemos a queimada 2x

Weyekapik ojeu, ojeu),

Saiu, saiu no açazal

Wapurum xiriri abi kay 2x

As borboletas também saíram voando 2x

Weye kapik ojeu, ojeu

(Warepupu toto are, are) 2x

Olha lá onde fizemos a queimada 2x

Weyekapik ojeu, ojeu.

Saiu, saiu



RESPONDA NA LINGUA PORTUGUESA

1 – Em qual mês do ano o povo Munduruku faz a queimada para fazer roça?

R: _____

2 – Como é feita a queimada da roça do povo Munduruku?

R: _____

3 – Existe alguma restrição de pessoas que não podem fazer queimada para fazer roça? Se existe, escreva por quê?

R: _____

4 – Quais os cuidados que devem ser tomados quando faz queimada para não pegar fogo além do espaço para fazer a roça?

R: _____



KAROSAKAYBU ETÕ



Bocewi juk Ocekuyjojo,
Bocewi juk Ocekuyjojo,
Oebikopap pewi ãu,
Oebikopap pewi ãu,
Pariwat'it'it dopu pum wekuap ejuma,
Bocewi juk Ocekuyjojo
Bocewi ocekuyjojo

1 – Procure uma pessoa da aldeia e peça para ajudar na versão de palavras conhecidas desse cântico na língua portuguesa e escreva:

R: _____



KARO EDAI



Bodi ġu

Bodi ġu

Karo dopa

Karo dopa

Baybay kay

Wa'õ bu'u'u buye

Ojodidit kay

Wa'õ bu'u'u buye

Tapupu kay

Wa'õ bu'u'u buye



1 – Ligue o desenho dos pássaros ao seu nome:



Witõ



Karo



Cokõn



Sapokay



Dace



KARO EDAI



Yatõrẽ tõrẽ

Karo ayũ

Yatõrẽ rẽ, rẽ

Karo ayũ

Warepo daypa jeje

Karo ayũ

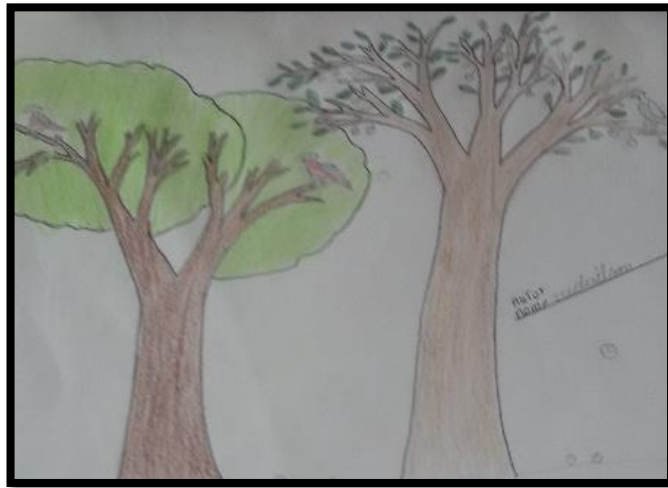
1 – Encontre os nomes dos pássaros na língua materna e pinte:

Dicas: No caça palavras está o nome do anúm, arara, arara vermelha, gavião real, tucano, papagaio, coruja, urutau, curica, jacu e pato

E	W	K	Y	K	A	R	O		M	J	C	D	A	I	G
R	B	C	R	T	D	M	A		C	N	G	A	O	M	E
Ê	C	E	P	U	E	S	P		I	Y	M	C	R	P	U
K	G	P	A	R	A	W	A		G	'	K	E	T	S	T
U	J	H	N	X	I	T	R		C	O	O	A	W	U	M
A	K	I	B	S	J	X	O		M	Á	R	Ú	R	Á	H
D	Y	W	I	T	Ô	'	I		T	A	U	T	U	X	I
X	'	J	W	A	U	P	H		K	R	D	U	E	B	O
M	Y	U	S	U	Y	G	D		C	0	W	X	H	E	P
O	B	N	Y	K	O	H	J		D	X	C	O	K	Ô	N



KARO JEK TOP KAY IAP EDAI



Weh Karo

Weh karo

Jektop kay

Karo

Parawa kay

Karo

Ibe tūybe mo wenūy ian

Cawawa abi depidepin

Karo

Weh karo

Weh karo

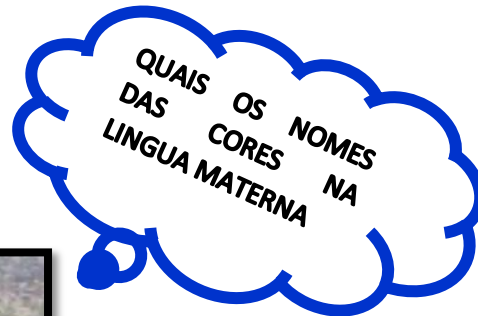
Jektop kay

Karo

Parawa kay

Karo





1 – O cântico fala da arara vermelha, vamos trabalhar as cores? Escreva na língua materna quais são essas cores:

- | | |
|-------------|-------|
| a) Vermelho | _____ |
| b) Branco | _____ |
| c) Azul | _____ |
| d) Amarelo | _____ |
| e) Preto | _____ |
| f) Verde | _____ |



KARO BA DOBE DE AP E



Hũ'ũ karo ba

Hũ'ũ karo ba

Iba ma ibajo dip

karo ba

iba sak ciã a'o

karo ba

1 – Pesquise com pessoas da aldeia ou em livros e dicionário do que fala a letra desse cântico e escreva a versão em língua portuguesa:

R:



AWARE DOBE DE AP



Ajo su'e bay
Ajo su'e bay
Tawe du i'e
Ibabi wenwen
Tawe, tawe du i'e
Ajo a'a ibubut am
Coğ cawa wa'a
Coğ marakay'a

O cântico fala do macaco prego
que está chegando perto do rio
onde o filho da ariranha
pergunta quem está chegando.

Gostaria de saber quantas
espécies de macacos têm na
região onde você mora.



R: _____



BIO DOBE DE AP



Bio, bio nhũ

Anta, anta, nunu

Bio, bio nhũ

Anta, anta, nunu

Xig, xig tip ênã bu

Vamos andando ali anta nunu

Boyũ kay tip ênã bu

Vamos andando ali anta nunu

Ixe ãu poro exiri e

Vamos lá nunu

Akay dip ênã bu

Ereo dip ênã bu

Ewebe du o'e ip tip ênã bu.



SOLTE A SUA
IMAGINAÇÃO

[illegible]

YUK REĠAT ESARAK TI DOBE DE AP



**Yuk reġat, yuk reġkat esarak ti
Ati dopa buk mujēm ambo, ambo.
Pit um ka etibijo inam ħm edaobenbenan
Ambo, ambo.**

1 – Pesquise o que fala o cântico e escreva na língua portuguesa:

R: _____



XIKIRI DOBE DE AP



bẽnẽnêť, bẽnẽnêť xiki riri

bẽnẽnêť, bẽnẽnêť xiki riri

je'it'it mukababam xiki riri

je'it'it mukababam xiki riri

Te buxim, te buxim ku ayakomkomkom

Idibi tõtõt di be, ayakomkomkom

Sum,sum,sum

1 – Procure conhecer a letra do cântico com ajuda de pessoas da comunidade e escreva:

R: _____

2 - Este pássaro é grande ou pequeno?

R: _____

3 - Escreva na língua portuguesa onde está escrito a palavra grande e pequeno:

a) Oboŋ _____

b) ãť ma _____



WENŨ EDA'I



Weo'a seu bip tata
Faz o cabo do meu Machado
Ũu eta ukam
Para tirar olho de lá
Tup coğon, coğon pu ata ukam
Para tirar olho do tupcoğon pu
A'a'am
A'a'am, a'a'am, a'a' am
Yatorororo
Cabeça para baixo
A'a'am
A'a' oem, a'a' am, a',a'am
Bo di at'a eya dojot ion
Eu disse tragam ouriço do lado
Bo di at'a eya dojot ion
Ouriço da aquele de lá.
Ũo diot 'a, bu di at tiot 'a
Jabuğ tuku juy on tup coğun pu, tup em



Cuidado eu te machuco trup caõon pu

A'a'am

A'a' oem, a'a' am, a',a'am

A'a'am

A'a' oem, a'a' am, a',a'am

1 – Procure saber com os anciãos e as anciãs se os machados tradicionais do povo Munduruku são como os machados comprados na cidade, desenhe e pinte de acordo com a explicação que foi dada para você:



2 – O machado serve para quais utilidades?

R: _____



WENŮ ‘A EDA’I



Ija dip pe, ija dip pe 2x
Ace poxo do titin, do titin
iğasŭ duku ġ uto, ace poxo do titin, do titin 2x
yatorororo yakoce jojowat 2x
waxo dopa koweri, dopa koweri 2x

1 – Quais as árvores frutíferas encontradas na Terra Indígena Apiaká/Kayabi?

R: _____



IDODOT ÛM AYÛ DOBE DE AP



Soat, Soat cit ağu wuyju oiii

Todos, todos nós

Soat, soat cit ağu wuyju oiii

Todos, todos nós

Acewe murũm, Acewe murũm,

Vão se pintar, vão se pintar

Jewe murũm totó wuyju

Vão se pintar pintados somos

Jewe murũm totó wuyju

Vão se pintar pintados somos

an wamõ pidap, wamõ pidap dap

an wamõ pidap, wamõ pidap dap



1 – Em quais momentos o povo Munduruku faz pintura corporal?

R: _____

2 – Quais as pinturas corporais usadas na aldeia Nova Munduruku?

R: _____

3 – Quais as pinturas femininas?

R: _____

4 – Quais as pinturas masculinas?

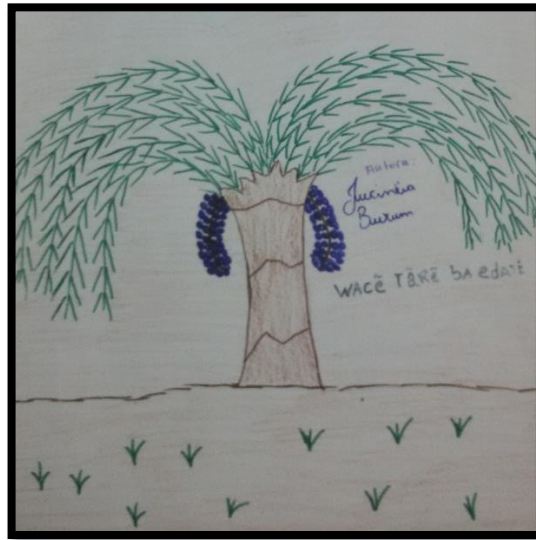
R: _____

5 – O que é usado para ter as tintas vermelha e preta para fazer as pinturas?

R: _____



WACÊ TÂRÊ BA EDA'I



Xedu deko jo'i. deko jo'i
Xedu deko jo'i. deko jo'i
Apoce acebodoy
Apoce acebodoy
Jodi daypayũ xe'e
Iboce ace bodoy
Deko ce, dekojo'i, doko jo'i.

1 – Faça pesquisa e escreva do que fala o cântico:

R: _____



BEKITKIT MUPARARANAP



Juku exat pa, juku exat pa
Etõ ba dapdap pa , etõ ba dapdap pa
Ibadap cokcok pa, abadap cokcok pa
Juku exatpa etõ ba dap cokcok pa
He!!!!.

**O cântico fala que a mãe está cantando para a criança dormir
se não a onça da mão preta vem pegar.**

Agora vamos fazer pesquisa com as mulheres



1 – Faça uma pesquisa com sua mãe e escreva na língua portuguesa ou na língua materna uma canção de ninar ensinada por ela que seja parte da cultura Munduruku:

R: _____

2 - Procure saber quantas mulheres anciãs sabem canções de ninar que faz parte dos conhecimentos da cultura Munduruku;

R: _____

3 – Quantas mulheres que têm nenê sabe e canta canções de ninar que faz parte da cultura Munduruku:

R: _____

4 – Peça para uma anciã ou mulheres cantar uma canção de ninar na língua materna, grave e traga para sala de aula e juntamente com seu professor ou sua professora tentem escrever a letra da canção:

R: _____



PUYBU OJOWA IAP



Ajo ojowa xũ'ũ

Marapay rapay bu teku ojowa xũ'ũ

Axĩ'a emeria bubum bima

Teku ojowa.

1 – Quantas espécies de cobra você já viu na Terra Indígena Apiaká/Kayabi?

R: _____



CEOROK ÛM AT TOBE DE AP



Potip ejowuy, ejowuy

Potip ejowuy, ejowuy

Ûu di coõcoõ pe, ejowuy

Yoparit ipam aca ejowuy, ejowuy

Ûu di coõcoõ pe, ejowuy.

1 – Observe o desenho e escolha a resposta certa marcando um X. O homem está :

() opop

() wa wa

() xik'i

() jekododo

() way way

() dedem



MUSUK TOBE DE AP



Bit ku tup pi are, tup pi are,are

Bit ku tup pi are, tup pi are,are

Musuk tup tup pi are, tup pi are,are

Oğuğu mo jeku at, ku bi day jorom mo nũy at

Oğuğu mo jeku at, ku bi day jorom mo nũy at

Bit ku tup pi are, tup pi are,are

Bit ku tup pi are, tup pi are,are

Awai dup tup pi are, tup pi ara, are

Awai dup tup pi are, tup pi ara, are

Oğuğu mo jeku at, ku bi day jorom mo nũy at

Oğuğu mo jeku at, ku bi day jorom mo nuy at

1 – Quantas espécies de mandioca são usadas pelos Munduruku da aldeia Nova Munduruku?

R: _____

3 – Escreva como é feita a plantação da mandioca na roça.

R: _____



3 – Quais os alimentos que o povo Munduruku consome que são feitos da mandioca?

R: _____

4 – Qual desses alimentos você mais gosta?

R: _____



WAPURŪM REWAIWAI DO BE AP



Ewe be duku o'e ip puca koa

Puca koa

Ewe be duku o'e ip puca koa

Puca koa

Ewe be duku o'e ip puca koa

Puca koa

Ewe be duku o'e ip puca koa

Puca koa

Wapurūm xiriri diot pe, biton ku eḡuy

puca koa, puca koa.



Os fundadores da aldeia Nova Munduruku
sempre viveram em aldeia junto com seu
povo e em contato com a natureza. Faça as
atividades como estão pedindo



1 - Complete o texto:

Como o ancião Joaquim Crixí , também moramos na aldeia _____, na
Terra Indígena _____no município de _____,
Estado de _____no país chamado _____

2 – Desenhe ou escreva qual o lugar da aldeia Nova Munduruku que você mais gosta:



AKADAP PA DOBE DE AP



Mudi kuḡ bay, bay

Mudi kuḡ bay, bay

Mudi kuḡ poro bay, bay

Mudi kuḡ poro bay, bay

Ito ma aḡu bekit.

Ito ma aḡu bekit.

1 – Pesquise com seu pai qual a importância dos cânticos para o povo Munduruku e escreva a resposta:

R: _____



BIO DOBE DE AP



Bio, bio hũhũ

Bio, bio hũhũ

Xiğ i ka ece bio hũhũ

Xiğ i ka ece bio hũhũ

Xiğ aca be hũhũ.

1 – Procure a ajuda de uma pessoa da aldeia e faça a versão para a língua portuguesa do cântico da anta e escreva abaixo:

R:

2 – Pesquise com as pessoas da aldeia uma história tradicional do povo Munduruku que fala sobre a anta e escreva:

R:

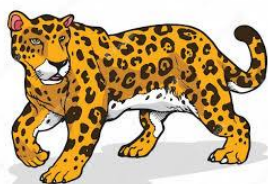


[illegible]

3 – Ligue os animais aos seus nomes



BIO



TAWÉ



**WIDÁ
BARARICÁT**



POY



AOYŨ CEKAYAT XI AT TOBE DE AP



I'i'i owadip ibut

I'i'i owadip ibut

Kaxira ibut ãmã, owadip ibut.

Suybut ãn, ãn xere ma owadip ibut.

COMO PROFESSOR INDÍGENA DO POVO MUNDUURKU ENTENDO QUE O PRÉDIO ESCOLAR NÃO É O ÚNICO ESPAÇO PARA ACONTECER AS AULAS, PODEMOS TRABALHAR NOS ARREDORES DE NOSSAS CASAS E PROPORCIONAR O MESMO APRENDIZADO PARA NOSSOS E NOSSAS ESTUDANTES.

VAMOS ESCREVER A LETRA DO CÂNTICO, CIRCULAR QUAIS AS PALAVRAS QUE CONHECE, BUSCAR FAZER PESQUISA COM PESSOAS DA COMUNIDADE, NOS LIVROS E ENTRAR EM CONTATO PELAS REDES SOCIAIS COM MUNDUURKU QUE MORAM NO PARÁ PARA NOS AJUDAR A APRENDER AS PALAVRAS QUE



1 – O professor Jones de Adenilson Manhuari Crixí pede para escrever as palavras do cântico que você conhece:

R: _____



2 – Escreva as palavras que você buscou fazer a pesquisa como o professor sugeriu:

R: _____

3 – Escreva como você fez a pesquisa:

R: _____

4 - Para você procurar conhecer as palavras desconhecidas da língua materna fazendo pesquisa fortalece o seu aprendizado ?

R: _____

5 – Agora vamos cantar o cântico acima no mesmo local onde iniciou a nossa primeira aula sobre este cântico e descreva como você se sentiu aprendendo um cântico novo de seu povo:

R: _____

6 – Na sua opinião como devemos trabalhar na comunidade e na escola para fortalecer os cânticos?

R: _____



BEKIT PI KAOJUYJUY AT TOBE DE AP



Ma ta in nay, Ma ta in nay,
I 'uk at a juk omujurũ
Jurũ at, bekit pi kajuyjuy at
Juyjuy at.

1 – Pesquise sobre a letra do cântico e escreva a versão na língua portuguesa:

R: _____

2 – No desenho quais os nomes das pinturas corporais da pessoa na água?



R: _____

3 – Ligue as palavras que fazem parte do corpo humano na língua materna para a língua portuguesa:

Dap

Añy

Taeta

Añob

Kxabi

Dao

Nabĩ

Ôiambi

Ôibê

Ôiá

perna

cabelo

orelha

costa

olho

pescoço

nariz

mão

coxa

cabeça

4 – Quantos dedos tem na sua mão direita ? Assinale com X a resposta certa.

() pug

() pug pôg bi

() eba pug

() eba dip dip

() xep xep

5 – Escreva na língua materna:

a) Três _____

e) Um _____

b) Cinco _____

f) Dez _____

c) Oito _____

g) Dois _____

d) Quatro _____

h) Seis _____



JEKU KERE DUP TOBE DE AP



Ju dum ku ecewedat a'a 'a tup xi kere

Tup xi kerere

Tup xi kerere

Ixi bu ne toro dum,

Tup xi kerere

1 – Pesquise a letra do cântico e escreva a versão na língua portuguesa:

R: _____



AWARE DOBE DE AP



Sūsut I, sūsut I aware, aware

Assobiando e assobiando e a ariranha, ariranha

Sūsut I, sūsut I aware, aware

Assobiando e assobiando e a ariranha, ariranha

Exat ceġeba, ceġeba

Carregando a comida

Aware xat ceġeba, ceġeba.

Ariranha está carregando a comida e comida

Queremos que você demonstre o seu conhecimento da fauna do seu território.



1 – Quais os alimentos mais consumidos pela ariranha?

R: _____



2 – Em qual época do ano as ariranhas aparecem perto da Aldeia Nova Mundurku? Diga por quê.

R: _____

3 – A ariranha é um animal mamífero ?

R: _____

4 - Circule os animais mamíferos:



5 – Escreva quais desses animais fazem parte da alimentação do povo Munduruku?

R: _____

6 – Escreva na língua materna os nomes dos animais acima que não fazem parte da alimentação do povo Munduruku.

R: _____



YUK REĢAT TOBE DE AP



Yuk reġat, yuk reġat puxim taje òn
On tak apit ocem ma
Kaġuy ùm tama òn, oro, oro
Duk aca ibu dadedade
Orokoxiġ, orokoxiġ.

**Vamos aprender a leitura
e a escrita deste cântico?**



1 – Pesquise a letra do cântico na versão da língua portuguesa e escreva:

R: _____

2 - Complete as frases do cântico:

Yuk reãat, _____

On _____ ocem ma

Kaãuy _____ tama õn, oro, oro

Duk aca ibu _____

Orokoxiã, orokoxiã.

3 – No desenho acima tem uma mulher, escreva na língua materna as seguintes palavras:

- a) Homem _____
- b) Mulher _____
- c) Moça _____
- d) Rapaz _____
- e) Menino _____
- f) Menina _____



KADI EBA PUKAP EDAI



Abu du mo itaybit ,
abu du mo itaybit
wuyxit pu kadaim
wuyxit pu kadaim
ũrũ xi bu kadaim
ũrũ xi bu kadaim
karo dare, dare mo itaybit
karo dare, dare mo itaybit
wuyxit pit iko muko ibima ģu xe 'e mo
wuyxit pit iko muko ibima ģu xe 'e mo
wakara kara ģun ģutorere

**A continuidade da
língua materna na
Aldeia Nova
Munduruku depende
da nossa valorização
linguística nativa.**



1 – Procure aprender o cântico, com a ajuda do professor ou da professora convidem pessoas da comunidade para cantar e dançar, descreva qual a sua sensação enquanto aprendia o cântico, dançava e cantava:

R: _____

2 – Você percebe se as pessoas da comunidade gostam de contribuir com o aprendizado da língua materna nas aulas da sua turma e como contribuem?

R: _____

3 - Escreva quem são as pessoas que mais contribuem com os e as estudantes e professores e professoras a trabalhar a língua materna:

R: _____

4 – Tem alguma pessoa que gostaria que contribuísse com o aprendizado da língua materna, escreva quem é ?

R: _____



ITAYBITBIT AT TOBE DE AP EDAI



Abu du adiiii

Abu du adiiii

Ijop juk oğu jurũğ

Ijop juk oğu jurũğ

Poxo xi bibododo du adi ijop

Ijop juk oğujurũğ

Ijop juk oğujurũğ

**Meu sobrenome é Kerepu,
nome de um pássaro. Você
sabe qual é o pássaro?**



R; _____



2 – Observe os pássaros no painel abaixo e circule os que você conhece e escreva o nome:

R: _____



JEXEXEAYŨ DOBE AP



Joma wi kere ejot

Joma wi kere ejot

Dup cakcağ duk tu ejot

Dup cakcağ duk tu ejot

Were dup tup pi diğ re dup

Dup cakcağ duk tu ejot

Dup cakcağ duk tu ejot

Iğu duk tuku

Aybodo a 'am itaybit cat.

Cojo da ebekit

Cojo da ebekit.



Faz parte do costume do povo Munduruku da aldeia Nova Mundurku sermos receptivos com as visitas.



1 – O professor Jozino Saú Burum Munduruku fala que em sua aldeia as visitas são bem recebidas, já aconteceu de recepcionar visitas com cânticos e dança?

R: _____

2 – Quais cânticos mais usados acontecem em eventos na comunidade?

R: _____

3 – O cântico acima fala sobre receber visitas, escreva na língua portuguesa as palavras que você conhece a versão:

R: _____



MUSU EDAI



Wai,wai,wai,

Wai, wai Ũm pe ģu

Okum ti um kereren

Kereren

Heit pit,pit

kuru ģun, kuru ģun

etawat pit kuru ģun, kuru ģun

Wai,wai,wai,

Wai, wai Ũm pe ģu

Okum ti um kereren

Kereren

Wa'e bi kuru ģun, kuru ģun

1 – A mandioca faz parte de várias comidas tradicionais Munduruku, escreva o nome na língua materna e na língua portuguesa desse alimento da imagem:



R: _____

2 – Qual o processo da preparação desse alimento?

R: _____

3 – Esse alimento é consumido em momentos de festas e eventos?

R: _____

4 – Quem prepara esse alimento?

R: _____

5 – Esse alimento é feito de todas as espécies de mandioca ou tem alguma específica?

R: _____

6 – Explique qual a diferença das espécies de mandioca cultivada nas roças do povo Munduruku da aldeia Nova Munduruku:

R: _____



AYACAYŨ AKOM AP EDAI



Acã kôm kôm adi 2x.
Wuy itop tobek pim 2x.
Oremuê do bek pim.
Ixe do bek pipim ma juk tu ku 2x.
Ocakom ,ocakom 2x.

Acã kôm kôm adi 2x.
Wuy itop tobek pim 2x.
Oremuê do bek pim 2x.
Ixe do bek pipim ma juk tuku 2x.



Este cântico fala das mulheres que caíram na água e viraram peixe. Existiu um motivo para elas tomarem essa atitude.

1 – Esse cântico faz parte de uma das histórias do povo Mundurucu, momentos acontecidos na época seus ancestrais, procure conhecer a história com seus pais ou pessoas da comunidade e escreva:

R: _____



This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

2 – Através dos cânticos, é possível aprender conhecimentos tradicionais de seus povos?

R: _____

3 – Trabalhando este cântico, quais os conhecimentos tradicionais que aprendeu?

R:_____



4 – Estes conhecimentos você pretende compartilhar? Diga quando e como pretende compartilhar:

R: _____

5 – Você considera que os conhecimentos tradicionais devem permanecer entre as gerações ou devemos esquecê-los e buscar os conhecimentos de outros povos indígenas ou do não indígena?

R: _____

6 – É possível mantermos nossos conhecimentos tradicionais e os conhecimentos externos da nossa cultura? Explique :

R: _____



YAOYŨ AKOM AP EDAI



Ocakomkom adi 3x.

Ocek top tobek pim 2x.

Aniwãkã ce do bek pim 2x.

Ixe do bek pipim ma juk tuku ocakom, ocakom 2x.

Karosakay, sakaybu emumuwe xaxat ma juk tu mo ikuk
pim ocexe 2x.

Waretay ewemuže dup ti ot pe imuwe xaxat ibit ma juk
tu mo ikuk pim ocexe 2x.

O CÂNTICO ACIMA É MUITO
IMPORTANTE PARA O NOSSO
POVO.

VOCÊ SABE QUEM É
KAROSAKAYBU ?



R: _____

2 – Vamos aprender a letra do cântico na língua materna, fazendo a leitura coletiva, individual, cantar e escrevê-lo:

R: _____



3 – Agora que você já leu, cantou, escreveu na língua materna, faça uma pesquisa e escreva a letra do cântico na língua portuguesa:

R: _____

5 – Peça para o seu professor ou sua professora explicar quem é Karosakaybu e escreva:

R: _____

5 – O professor Bonifácio Kirixi está curioso para saber como você imagina ser Karosakaybu, faça o desenho como você imagina que ele seja:



WEREDUP EDAI



ajoyũ oceğun, oceğun

ajoyũ oceğun, oceğun, buku ocedaw

buku ocedaw, buku ocedaw

camari kopakopa ip pe ocdaw, buku ocedaw

owadip ip cuy ên, buku ocedaw

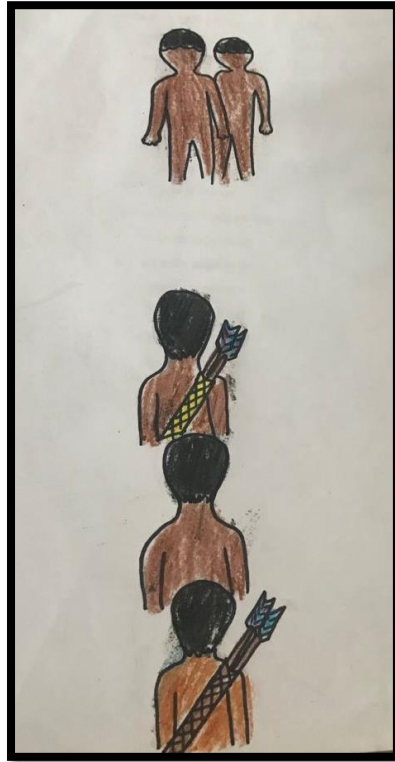
waremuco dao ho i ocedaw, buku ocedaw

1 – Pesquise a letra do cântico na versão portuguesa e escreva:

R: _____



KARO DAYBI KAP AP EDAI



erot iġu mo jop, erot iġu mo ejop

Esteja deitado 2x

watip erot gu ġat, gu gat

como sapé 2x

watip erot gu ġat, gu gat

como sapé 2x

asu bit mo xe'e eyju

vocês são como esses 2x

asu bit mo xe'e eyju

vocês são como esses 2x

yopa muypit paore,paore

não pode voltar com a flecha 2x



yopa muypit paore,paore

não pode voltar com a flecha 2 x

yopa rit, ipa, ipa

aquela flecha 2x

yopa rit, ipa, ipa

aquela flecha 2x

erot iğu mo jop, erot iğu mo ejop

a flecha como deitada no chão

watip erot gu ғat, gu gat

watip erot gu ғat, gu gat

asu bit mo xe'e eyju

asu bit mo xe'e eyju

yopa muypit paore, paore

yopa muypit paore,paore

ipi cerere ipa,ipa

ipi cerere ipa,ipa

waaaooo!!!!



1 - A flecha é uma das armas tradicionais do povo Munduruku. Você pode dizer quais os materiais usados para fazer a arma?

R: _____

2 – Onde são encontrados os materiais para fazer a flecha?

R: _____



3 – Homens e mulheres coletam os materiais e faz a flecha?

R: _____

4 – As mulheres usam a flecha?

R: _____

6 – Na região em que você mora tem muitos materiais para fazer a flecha ?

R: _____

7 – Você sabe fazer flecha? Se sabe, fale com quem aprendeu a fazer a flecha:

R: _____

8 – Faça o desenho de uma caçada ou pescaria usando a flecha:



MUSUK EDA ' I



Wuydo bede du ip i ' i ' i ' ip 2x.

Vamos dar recado para eles 2x

Musuk cerere poot poot

Mandioca está torta poot poot

Iat poro mo ka atobedede atobedede.

Ela mesmo dá recado e recado

musuk pito pito at 2x.

mandioca poto pito at 2x

Away pito pito at 2x.

Cará pito pito at 2 x

1 – Quais os meios de comunicação usados na aldeia?

R: _____

2 – Pesquise com as pessoas que foram os primeiros moradores da aldeia quais eram os meios de comunicação disponíveis quando iniciou a aldeia?

R: _____

3 – Existe meios de comunicação tradicional do povo Munduruku?

R: _____



WA 'I 'A EDA 'I



baya aroya bay a'a'a 'ay 2
bay aroya bay , bay aroyabay
bit am tuku juy eñuy aroyabay 2x
hai at kubi cuñ pe duku juy eñuy
hi 'i duku juy ece hai
bay be bay be odakoy bima
odakoy, dakoy bima
wuykari, wuykari, kari,kari.



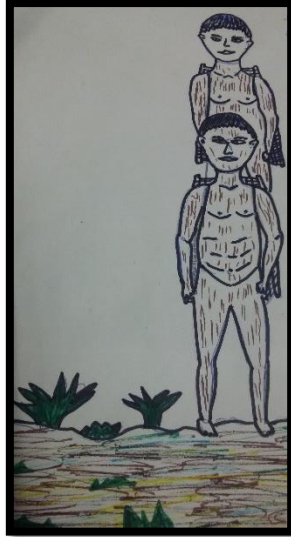
Vamos pesquisar a
letra do cântico e
escrever?

1 – Faça a atividade como o professor Robenilson Manhuari pediu e escreva na língua portuguesa a versão em português:

R: _____



XEP XEP - JEXEXEAYŨ DOBEDEAP



Jomawi kere ejot
Jomawi kere ejot

Dup cakcağ juk tu ejot
Dup cakcağ juk tu ejot

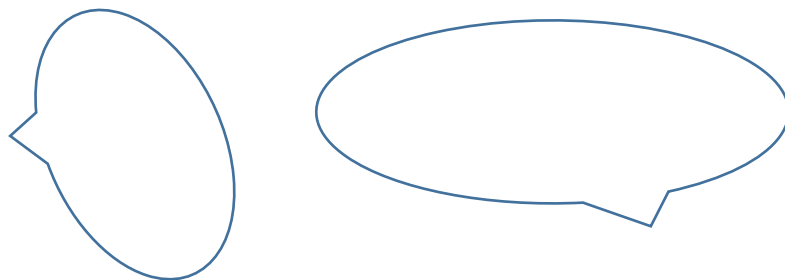
Weodup tupidiğ redup

Dup cakcağ juk tu ejot
Dup cakcağ juk tu ejot

Iğo dak tuku

Aybodo a'am itay cat
Cojoda ebekit
Cojoda ebekit

Olha só quem veio visitar a floresta perto da aldeia Nova Mudnuruku. O que será que a paca e a castanheira conversaram? Imagine e escreva a conversa:





MUSUK EDA 'I.



Bit ku tup piare ,tup piare ,are,are 2x.
Oğuğu mo jeku at kubi day jorom nuy at 2x.
Musk tup tup piare ,tup piare ,are ,are.

1 – Após cantar o cântico acima, o que você considerou mais interessante sobre o que está falando?

R: _____

2 – Qual a relação dos cânticos com o corpo humano ?

R: _____

3 – Quais instrumentos utilizados pelo povo Munduruku para o acompanhamento dos cânticos?

R: _____



WENŨ 'A EDA 'I



Ija dip pe ,ija dip pe 2x.

Neste mato, neste mato.

Ace poxo do titin , do titin

Vamos imitar o pássaro xexeu do ninho, do ninho.

Içasũ duku ãu to , ace poxo do titin,do titin 2x.

Agora, vamos imitar o pássaro xexeu do ninho, do ninho.

Yatorororo yakoce jojowat2x.

Cabeça para baixo, está olhando para baixo

Waxo dopa koweri ,dopa koweri.2x.

Macaco zoguezogue olhando para baixo.

Você conhece os nomes das famílias do povo Munduruku na língua materna e na língua portuguesa?



1 – O ancião Osmarino Saw ensinou que o nome Poxo é pássaro Xexéu, faz parte de um dos nomes das famílias Munduruku, responda quais os nomes das famílias abaixo na língua portuguesa:



- | | |
|--------------------|-------------------------|
| a) Korap _____ | m) Poxo _____ |
| b) Yori _____ | n) Koro _____ |
| c) Kaba _____ | o) Ikô _____ |
| d) Witô _____ | p) Tawé _____ |
| e) Oyoy _____ | q) Manhuari _____ |
| f) Saw _____ | r) Borum _____ |
| g) Karo _____ | s) Kirixi ou kixi _____ |
| h) Keperu _____ | t) Akay _____ |
| i) Mu'ô – rã _____ | u) Yoto _____ |
| j) Parawá _____ | v) Ikopi _____ |
| k) Iporo _____ | w) Waro _____ |
| l) Dace _____ | |

2 – Quais desses nomes tem na aldeia Nova Munduruku?

R: _____

3 – Desenhe um mapa da aldeia mostrando as casas e os nomes das famílias?



KABA DAREBU AKOMAP



Oceom ,oceom adi, adi 2x.
Wuyxit pudi dikay, dikay 2x.
Ikõ bembem pu di,dikay,dikay 2x..

1 – Escreva os nomes desses insetos na língua maternal e na língua Portuguesa.



















WUYJUYŨ DUJU JEMAP EDA'I



Yadupu,yadupu,yadapu wũn 2x.

Bekitkit, bekitkit adapupu ewexaxat ,ewexaxat

Menku yadapu wũn 2x.

Wũn cuã i yadapu wũn 2x.

**Sou uma bekitkit,
vamos cantar para
alegrar a nossa aldeia**



1 – Cante esse cântico e transcreva:

R: _____



WAYÕN PU EDA 'I



Xipan pun oi 'i 4x.
Omuyum ,omuyum ece, ece2x.
Ite hai kuyat ejodop ip pe
Omuyum ,muyum ece,ece 2x.

1 – Pesquise a letra desse cântico e escreva na versão na língua portuguesa:

R: _____

2 – Qual as funções dos cânticos na cultura do povo Munduruku?

R: _____

3 – Qual o objetivo de cantar este cântico?

R: _____

4 – Em quais momentos não é permitido cantar na cultura Munduruku?

R: _____



MUDI EDA 'I



Õn to to mõi jeku at 3x.
Xiri, xiri daĩ 2x.
Weku ap eju ma mõi 2x.
Opereĩ, pereĩ 2x.
Bãĩ.

Eu me deixo 3x.
Eu me deixo pelas multidões de pessoas 2x
Estava lá 2x
Passando 2 x

1 – Em que momento específico este cântico é utilizado?

R: _____

2 – Você já presenciou alguma atividade na escola ou apresentação que sejam usado áudios ou vídeos com esses cânticos? Comente

R: _____



BEKITKIT MUYXEXETCAP



Tototo,tototo awã,
Olha o bicho tá vindo, fazendo barulho nenê,
Tototo,tototo awã,
Olha o bicho tá vindo, fazendo barulho nenê,
Eku omuyku parare tapu pu
Tá vindo parare nenê.
Etaorere bima omuyku parare tapu pu.
Não chora se não o parare vai vim nenê, fica deitado, dorme nenê,
parare vai comer sua tripa nenê.
Po I exexet tapu, parare jenun pu'o tapu pu
Não chora se não o parare vai vim
etaorere bima omuyku parare tapu pu.
Olha o bicho tá vindo fazendo barulho nenê

Tototo,tototo awã,
Olha o bicho ta vindo fazendo barulho nenê
Tototo,tototo awã,
Está vindo parare nenê
Eku omuyku parare tabi bi
Não chora se não o parape vai vim nenê
Etaorere bima omuyku parare tabi bi
Fica deitado dorme nenê parare vai comer a sua tripa nenê
Po I exexet tabi bi, parare jenun pu'o tabi bi
Não chora se não o parare vai vim nenê
etaorere bima omuyku parare tabi bi.





Vamos fazer pesquisa?

1 - Quantos homens na aldeia Nova Munduruku sabem as canções de ninar? Anote a quantidade e os nomes deles.

R: _____

2 – Com quem esses homens aprenderam as canções de ninar?

R: _____

3 – Os homens cantam as canções de ninar para as crianças?

R: _____



COKÕN IKUM A RUT AT EDA'I



Xe du ip taypa joro ,taypa joro daypa bu 2x.
Ayai bakuku dai xe 'e .ecõn pu dai xe 'e
Itoma i 'e taypa joro daypa bu 2x.



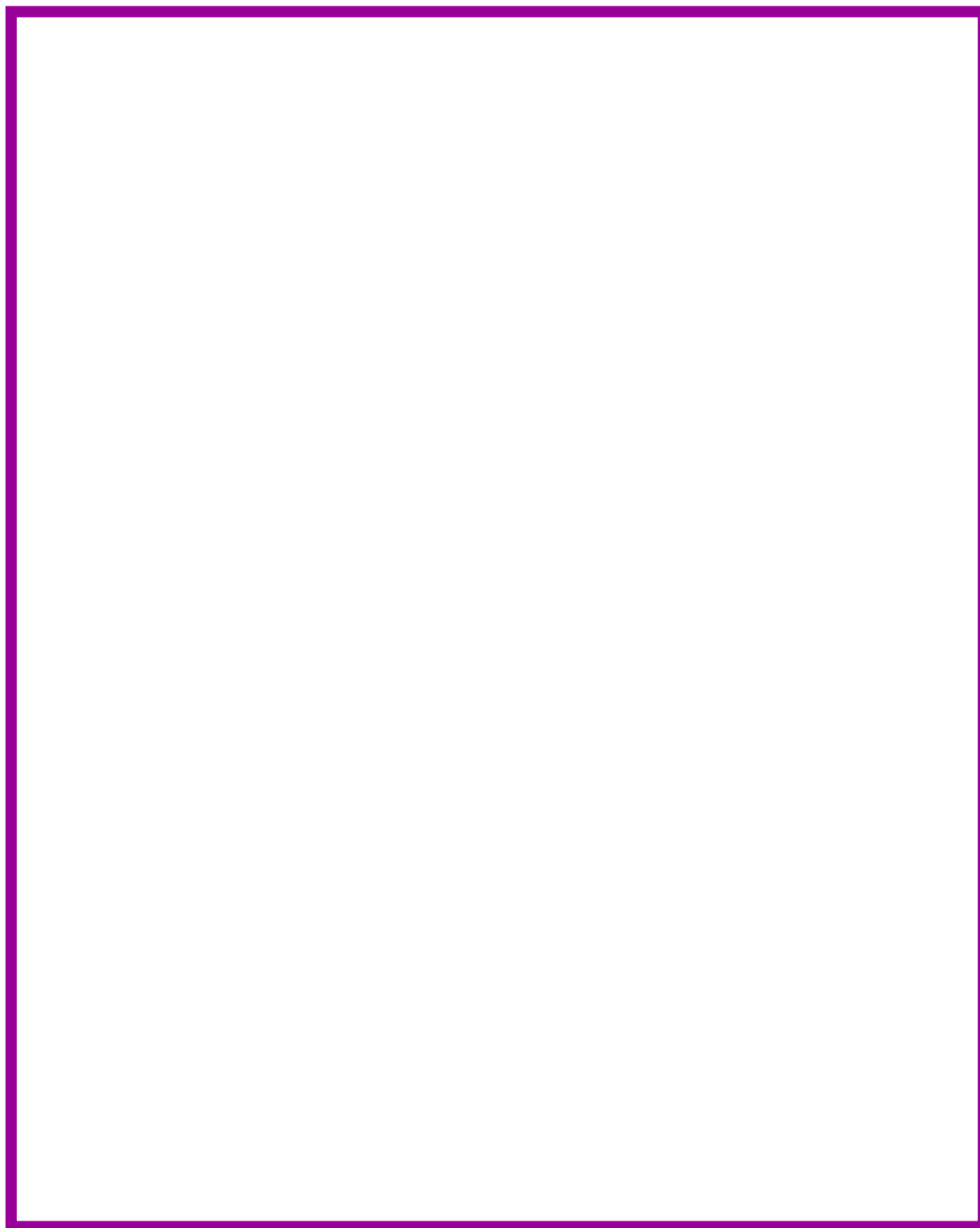
O cântico fala do pássaro tucano.

A professora Luciana Mendes Tamaná quer saber se você sabe dizer quais as penas de pássaros usadas para fazer o vestuário e artefatos feminino e masculino do Povo Munduruku da aldeia Nova Munduruku.

R: _____



2 – Faça o desenho da arte plumária Munduruku usada na aldeia e coloque os nomes de cada objeto?



KADI EBA PUKAP EDAI



Abu du mo itaybit

Wuyxit pu kadaim

Wuyxit pu kadaim

Ũrũ xi bu kadaim

Ũrũ xi bu kadaim

Karo dare, dare mo itaybit

Karo dare, dare mo itaybit

Wuyxit pit iko muko ibima ģuxe'e mo

Wuyxit pit iko muko ibima ģuxe'e mo

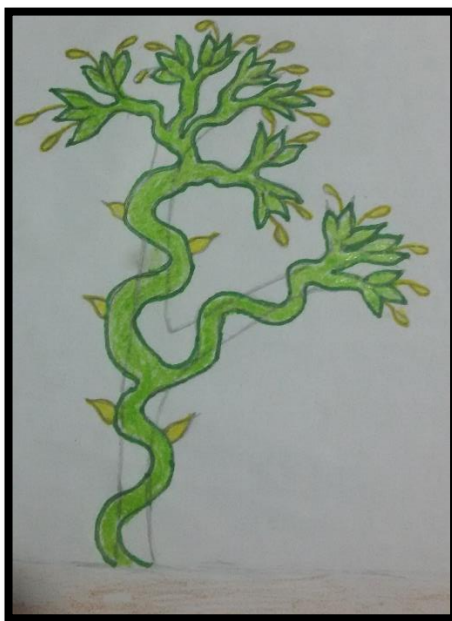
Wakara kara ģun ģutorere

1 – Pesquise a letra do cântico e escreva na versão da língua portuguesa:

R: _____



WETUY BEAP



Atakoy moka ibo,

Ataboy moka ibo

Atakoy

Iboğu paro moka atakoy,

Iboğu paro moka atakoy,

Musuk xi abi eju dop ukat poroka atakoy

Musuk xi abi eju dop ukat poroka atakoy

Cokō bereğ ğu ğun ğu ğunat poro moka atakoy

Cokō bereğ ğu ğun ğu ğunat poro moka atakoy

1 – Pesquise a letra desse cântico e escreva a versão na lingua portuguesa:

R: _____



4 A PINTURA CORPORAL QUE ACOMPANHA OS CÂNTICOS

As pinturas corporais Munduruku (Fig.5 e 6) são uma forma de expressão do povo Munduruku da Aldeia Nova Munduruku, importante patrimônio cultural, bem como vislumbra que as futuras gerações possam utilizá-las. Apresenta o uso e significados das pinturas nos momentos mais importantes de celebrações culturais, festa tradicionais, reunião, comemorações festivas. Em relação às pinturas corporais que acompanham os cânticos, às vezes utilizamos sim as pinturas nos cantos e às vezes não, nos momentos de brincadeiras fazemos só os cantos Munduruku mesmo.

Fig.5 - Pintura corporal Munduruku



Fonte: Jusilene Burum Crixí

Nessa foto, a jovem Jusilene está usando no rosto a pintura do peixe pacu, tanto na face, queixo e testa. Essa pintura é usada no rosto somente pelo sexo feminino, o sexo masculino pode usar nos braços e pernas.



Fig. 06 – Pintura corporal Munduruku



Fonte: Jusilene Burum Crixí

A jovem Jaray carrega a pintura do peixe jacundá no rosto e a pintura perto do pescoço é do pacuzinho.

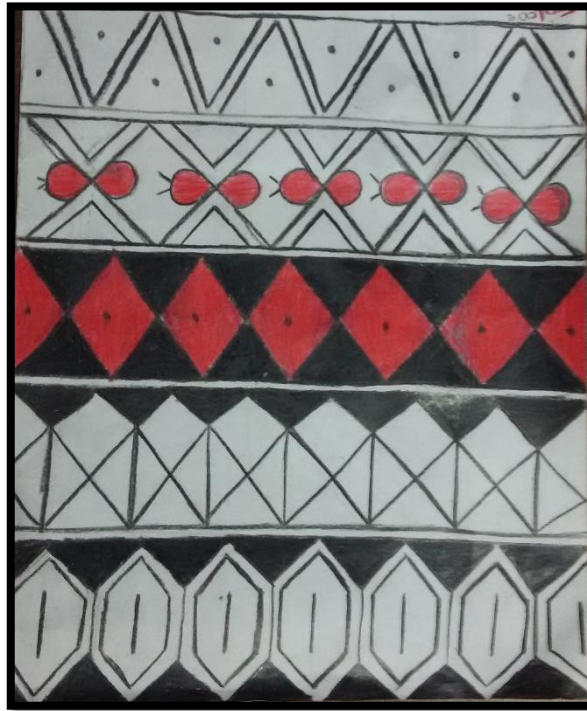


Pesquise os
nomes da pintura
em meu corpo e o
seu significado.

R: _____



2 – Observe as pinturas abaixo e escreva o que cada uma representa:



Fonte : Jusilene Burum Crixí

R: _____

3 – Quais dessas pinturas são femininas e quais são masculinas?

R: _____

4 – Quais partes do corpo cada pintura é usada?



R; _____

5 OS CANTOS MUNDURUKU COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Pensar em uma escola indígena, é permitir às crianças o acesso a cultura e tradição cultural do povo, pois dentro da instituição, por mais que seja um local que busca incentivar o ensino ocidental, a comunidade indígena tem o direito de querer dentro do projeto político pedagógico políticas públicas ou disciplinas da língua materna para seu currículo escolar, uma vez que a língua materna é a nossa identidade cultural mais forte dentro do povo. A língua materna, disciplina de vários encontros e seminários, se tornou principal preocupação dos povos indígenas para a sua manutenção e fortalecimento, e por mais que o povo ainda mantenha seu idioma, medidas devem ser tomadas para garantir que a futura geração da aldeia tenha entendimento e aprenda a falar seu idioma local.

A possibilidade de oferecer diferentes ambientes para a aprendizagem dos cânticos, sendo na escola, me refiro ao prédio escolar (fig. 7), no pátio da aldeia, no campo de futebol, na beira do rio, na cachoeira e onde for possível fazer as danças e cânticos, possibilita as oportunidades para jovens e crianças desenvolver sua interação com o mundo em que vivemos, para muitos jovens e crianças essa oportunidade pode ser única, devido em sua casa não ser muito praticada a língua materna.

Fig. 07 – Escola Estadual Indígena Krixi Barompô



Fonte: Adailson Munduruku



O espaço da realização das práticas tradicionais assim como os cânticos é um recurso de aprendizagem e desenvolvimento para estudantes e comunidade, a organização dos espaços de forma tal que constituam um ambiente rico e estimulante de aprendizagem.

Vendo que o prédio escolar não é o único espaço para a aprendizagem dos cânticos, a visão de organizar um ambiente que possa estimular a construção de sua identidade pessoal fazendo com que desenvolva o seu próprio conhecimento, tendo situações imaginárias, interagindo com o ambiente e com as outras pessoas, aprendendo a compartilhar o espaço proposto e a construir sua visão sobre a valorização linguística e dos conhecimentos tradicionais.

Aprender os cânticos também fortalece os momentos políticos, como aconteceu em Brasília de 23 a 29 de agosto de 2021, no Acampamento Terra Livre e os momentos de manifestações.

Atividades

01. Vamos cantar.

DACE XI KAĜERERE OTUJU’U IAP EDAI

Ijoce juk tuku adi

Ijoce juk tuku adi

Jebut juk otuju’u,

Ai dace, dace xi

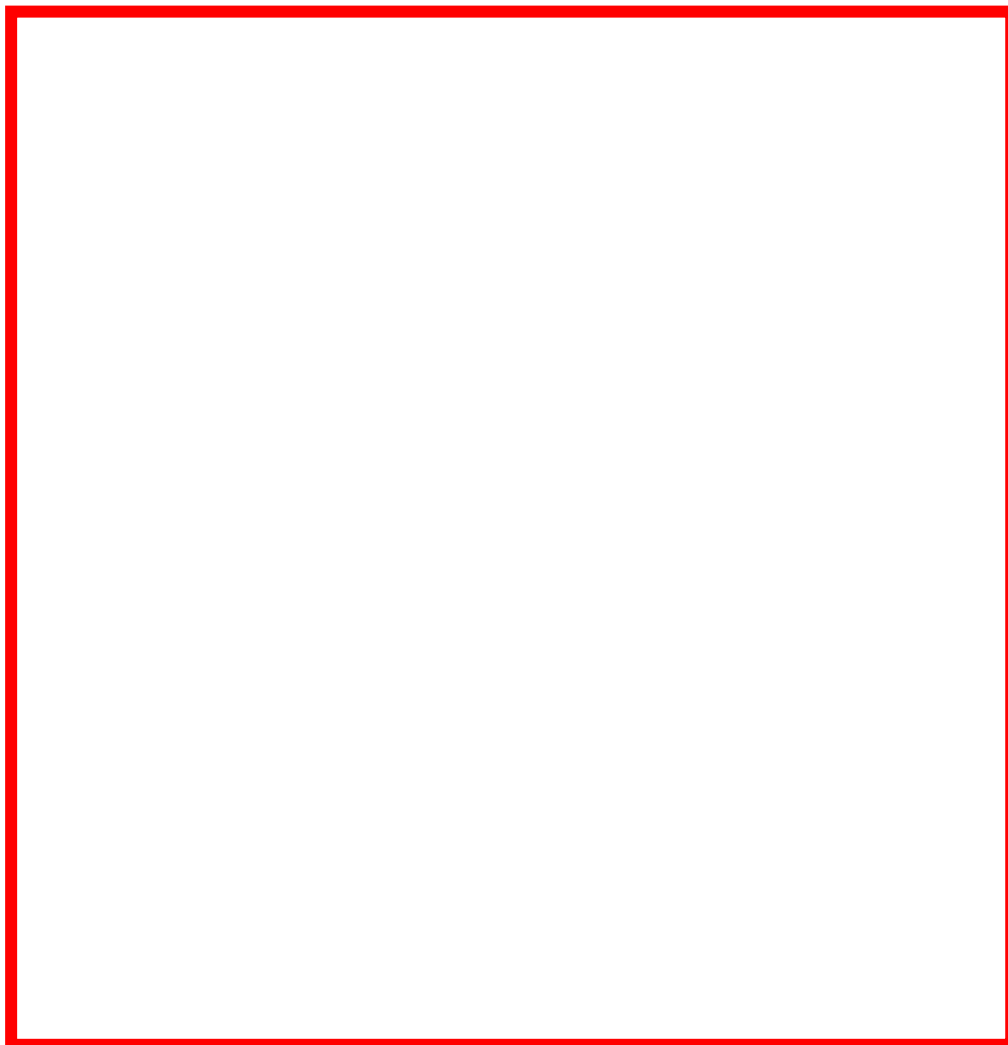
Ai dace, dace xi

Aip xiriri nãku, nãku bi beat

Aip xiriri nãku, nãku bi beat



a) Faça desenhos ilustrativos sobre o que o canto fala:



b) Quando esse canto pode ser feito dentro da comunidade?

R: _____

c) Procure um ancião e pergunte o significado deste canto para a nossa cultura.

R: _____



02. Encontre as seguintes palavras:

Akoba, daje, daruk, kobe, kuykuydup, parawa, ipada, wida, puybu

A	R	D	C	D	A	Z	X	B	S	R	V	V	B	N	U	H	J	G	D
D	N	M	Y	L	Ç	O	P	K	K	O	B	E	H	A	Q	W	D	H	S
F	D	A	J	E	Q	S	D	F	G	H	J	K	L	Ç	J	G	A	G	A
G	B	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	P	K	G	G	S	G	R	D	Z
H	C	Q	W	E	R	T	Y	U	P	E	W	J	H	G	S	H	U	W	X
J	X	Z	P	X	C	V	B	N	M	Q	A	Z	X	S	A	M	K	D	A
U	Z	W	U	E	D	D	C	V	F	G	W	R	E	W	P	P	R	H	S
B	E	Q	Y	Q	W	Q	E	R	F	D	I	D	A	S	A	L	E	Y	D
M	W	W	B	P	O	K	J	H	M	L	D	Ç	I	D	Q	O	W	M	C
M	Q	A	U	U	W	E	R	F	D	F	A	T	Y	G	S	Y	Q	M	Y
N	H	D	R	Y	Z	S	D	I	T	D	U	G	F	T	D	U	W	G	P
L	J	S	F	H	Q	E	R	T	R	S	Y	F	V	H	G	K	I	B	A
K	M	E	G	G	Y	S	D	F	S	D	H	V	G	J	F	J	K	D	R
D	N	R	H	N	G	T	K	J	R	R	F	G	J	N	S	H	G	G	A
E	K	U	Y	K	U	Y	D	U	P	E	R	D	Q	W	X	Q	F	G	W
R	B	E	E	D	F	G	A	W	S	X	Z	C	V	Q	Z	A	T	E	A
Y	V	W	R	A	K	O	B	A	D	R	E	S	W	A	C	S	I	Q	Y
U	X	C	F	H	G	I	P	K	K	U	Y	T	H	B	V	S	A	A	H
I	O	P	L	K	J	U	T	T	Y	U	I	P	A	D	A	O	I	H	G

**ESPERAMOS QUE VOCÊ TENHA GOSTADO DE CANTAR E
DANÇAR CONOSCO.**

ESTAMOS SAINDO E VOLTAREMOS EM BREVE

